

funarte apresenta

27/09 a 05/10

**Salão Leopoldo Miguez
Escola de Música da UFRJ**

06/10

**Theatro Municipal do
Rio de Janeiro**



A MAIS ABRANGENTE MOSTRA DA MÚSICA ERUDITA BRASILEIRA 2013
XX BIENAL DE MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

Presidente da República

Dilma Rousseff

Ministra da Cultura

Marta Suplicy

Fundação Nacional de Artes

Presidente

Guti Fraga

Diretora Executiva

Myriam Lewin

Diretora do Centro da Música

Renata Monteiro

Coordenador de Música Erudita

Flavio Silva

Coordenadora de Comunicação

Camilla Pereira

XX BIENAL DE MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

27 DE SETEMBRO A 6 DE OUTUBRO DE 2013

**SALÃO LEOPOLDO MIGUEZ / ESCOLA DE MÚSICA DA UFRJ
THEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO**

Patrocínio

Ministério da Cultura

Realização

Fundação Nacional de Artes / Funarte

Apoio

**Centro Técnico Audiovisual / Secretaria do Audiovisual / Ministério da Cultura
Escola de Música / Universidade Federal do Rio de Janeiro
Academia Brasileira de Música
Rádio MEC-FM**

Equipe da Funarte

Centro da Música

concepção e realização

Flavio Silva

Maria José de Queiroz Ferreira

produção

Aline Mandriola

Elizabeth Lima da Silva

Flavia Peralva Pinheiro

Maria das Graças Oliveira de Asevedo

Perla Lemos

Ralyanny Guerra

peçoal de apoio

Edyr José Rosa de Lima

José Paulo de Rezende

Luis Carlos Silva

Vanderci Lins de Oliveira

Vera de Souza

Assessoria de Comunicação

Marcelo Mavignier

Alessandra Abrita

Catia Lima

Luzia Amaral

Márcia Cotrim

Programação Visual

Fernanda Lemos

Gilvan Francisco

Paula Nogueira

Portal Funarte

Cristiano Marinho

Maria Cristina Martins

Pedro Paulo Malta

Divisão de Informática

Júlio Cavadas

Rômulo Henrique da Silva

Iara Regina da Costa

Priscila Mistieri

José Ricardo Silveira – Central IT

Wender Pereira Corrêa – Central IT

João Pereira Gama Filho – Central IT

Apoio externo

Prêmio Funarte de Composição Clássica 2012:

Comissão de Seleção

Alexandre Schubert

Eduardo Guimarães Álvares

Eli-Eri Moura

Flo Menezes

Rodrigo Cicchelli Velloso

Ronaldo Miranda

Wellington Gomes

Colaboradores

Cristina Arruda

Daniel Serale

Marcelo Carneiro de Lima / Paulo Dantas



A apresentação abrangente das mais variadas correntes que povoam a música erudita brasileira, sem privilégios estéticos ou ideológicos, é a característica mais importante das 19 Bienais de Música Brasileira Contemporânea, realizadas desde 1975. O apoio de órgãos públicos aos diversos setores da área cultural só pode ser plural e aberto à diversidade de opiniões e de concepções.

Essa característica foi aprofundada na Bienal de 2011 e mantida na atual, quando a seleção de obras passou a ser feita por concurso e por encomendas. Os valores pagos pelas obras variam, de acordo com a formação dos conjuntos musicais.

Se o concurso para a anterior Bienal recebeu 384 inscrições, agora, elas elevaram-se a 534, o que demonstra o interesse manifestado pelos compositores por essa iniciativa da Funarte. As encomendas de obras foram realizadas de uma forma nova: os próprios compositores foram chamados a votar naqueles que consideram mais representativos da atual produção musical brasileira, no gênero erudito. Um colégio eleitoral de 67 compositores e regentes foi pela primeira vez reunido, para escolher os contemplados com encomendas. Esse colégio poderá ser ampliado para a XXI Bienal, de 2015, com a inclusão de novos membros qualificados, o que aumentará sua representatividade.

Vale destacar o caráter multiplicador que o duplo mecanismo de concurso e de encomendas propicia, já que provoca a criação de obras novas, que enriquecem o repertório da música brasileira.

A difusão mundial dos concertos pela internet, somada a esforço maior de divulgação desse processo junto às instituições musicais, nos vários países, representa um avanço significativo da XX Bienal, não somente pela promoção que proporciona às artes brasileiras, mas também pela possibilidade de benefícios diretos para nossos criadores e intérpretes.

Foi decisivo o apoio que recebemos de outras instituições federais para essa nova etapa das Bienais. O Centro Técnico Audiovisual, da Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura, aceitou empenhar sua reconhecida experiência para realizar as gravações em vídeo e áudio, e liberou filmes de seu acervo para uma sessão especial; a Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro cedeu o prestigioso Salão Leopoldo Miguez para a realização dos eventos; a Rádio MEC-FM, da Empresa Brasil de Comunicação, participou do esforço de divulgação dessa XX Bienal, dedicando a ela séries de programas, a partir desse mês de setembro; e a Academia Brasileira de Música colaborou, com sua reconhecida competência, no encaminhamento de questões técnicas.

Nunca é demais elogiar a qualidade da atuação dos intérpretes e dos conjuntos orquestrais que atuam nas Bienais e que dedicam seus melhores esforços para apresentar, em estreia mundial, obras desconhecidas do público e deles mesmos. A esses intérpretes e conjuntos, manifestamos nosso reconhecimento.



A Fundação Nacional de Artes – Funarte é uma instituição do Governo Federal vinculada ao Ministério da Cultura. É responsável pelo desenvolvimento das políticas públicas de fomento à música, às artes cênicas (teatro, dança e circo), às artes visuais e às artes integradas em todo o Brasil. Os principais objetivos da instituição são o incentivo à produção e à capacitação de artistas, ao desenvolvimento da pesquisa, à preservação da memória e à formação de público para a manifestação das artes no país. Para o cumprimento dessa missão, a Funarte concede bolsas e prêmios, mantém programas de circulação de artistas e de bens culturais, promove oficinas, publica livros, recupera e disponibiliza acervos, provê consultoria técnica e apoia eventos culturais em todos os estados brasileiros e no exterior, além de manter espaços culturais no Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Distrito Federal. Sua atuação é exercida através de quatro Centros: Centro de Artes Cênicas (para as áreas de circo, dança e teatro), Centro de Artes Visuais, Centro de Programas Integrados e Centro da Música.

As Bienais de Música Brasileira Contemporânea são organizadas pelo Centro da Música, dividido em três coordenações que apresentam formas análogas de atuação. Editais públicos sob a sua responsabilidade promovem a edição de livros e de gravações sonoras; o apoio a festivais, apresentações e mostras de música; o fomento à criação e à produção de obras, produtos e projetos; o estímulo à circulação e à divulgação de trabalhos musicais diversificados; a qualificação e a difusão de conhecimentos e a capacitação, aperfeiçoamento e circulação de artistas e técnicos; a articulação do setor musical em redes; a promoção de debates acerca das políticas públicas para o campo da música; a realização de cursos de breve duração. O apoio às bandas de música também inclui o cadastro nacional desses conjuntos; a realização de cursos para reparação e manutenção de instrumentos de sopro, iniciativa pioneira da Funarte; a doação de mais de 40 mil instrumentos de sopro, mediante editais ou concursos aos quais concorrem centenas desses conjuntos. O Centro da Música também realiza circuitos nacionais de apresentações de música popular e erudita, além de concertos didáticos em escolas públicas.

Para informações sobre a Funarte, acesse www.funarte.gov.br; sobre as Bienais de Música Brasileira Contemporânea, www.funarte.gov.br/bienaldemusica.

Aos compositores

*Ernesto Nazareth (1863/1934) – 150 anos de nascimento,
Brasílio Itiberê da Cunha (1846/1913) – centenário de falecimento,
Mario Tavares (1928/2003) – dez anos de falecimento,
Brenno Blauth (1931-1993) e Camargo Guarnieri (1907/1993)
– vinte anos de falecimento,*

*e a Hubertus Hoffmann (1929/2012),
Leonardo Sá (1954/2011),
Alceo Bocchino (1918/2013)
Reginaldo Carvalho (1932/2013),
e Eduardo Guimarães Álvares (1959/2013),*

que há pouco nos deixaram,

homenagem, *in memoriam*



XX BIENAL DE MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

SALÃO LEOPOLDO MIGUEZ

Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro

27 de setembro de 2013 – sexta-feira, 19h

I

Carlos dos Santos *Japiim n° 7* **
flauta Antônio Carlos Carrasqueira

Jorge Antunes *Quê que a gente faz, concertino para violão,
orquestra de cordas e sons pré-gravados* *
violão Álvaro Henrique, difusão Rodrigo Cicchelli Velloso

Marcos Lucas *Sortilégios:* *
I – *Leve, transparente e preciso*; II – *Decidido*; III – *Pesaroso*
violoncelo Hugo Pilger

II

Mario Ferraro *A Estrada do Rio Morto* **

Matheus Bitondi *Impropérios harmônicos em palavras
afáveis* **

Paulo Costa Lima *Bahia concerto 2012* *
piano Aleyson Scopel



Carlos dos Santos



Jorge Antunes



Marcos Lucas



Mario Ferraro



Matheus Bitondi



Paulo Costa Lima

Orquestra Sinfônica da Universidade Federal do Rio de Janeiro
(naípe de cordas)

regente Cláudio Cruz

obras em estreia mundial:

* encomendadas pela Funarte em 2012

** vencedoras do Prêmio Funarte de Composição Clássica 2012

Carlos dos Santos (Carlos Roberto Ferreira dos Santos, São Paulo/SP, 4/11/1990) iniciou os estudos musicais com seu pai. Aos 7anos, ingressou na Universidade Livre de Música Tom Jobim, atual EMESP, onde se formou em dois cursos: percussão popular com Ari Colares, e percussão erudita com Alfredo Lima, da OSESP. Orientado por Ricardo Bologna, é bacharel em percussão pela USP. Desenvolve seu trabalho de composição sob orientação de Aylton Escobar. Foi premiado no I Concurso de Jovens Solistas do Departamento de Música, da Escola de Comunicações e Artes/USP, com o Premio Nascente, na categoria solista instrumental; no II Concurso de Composição da Orquestra de Câmara da USP; recebeu encomenda de obra sinfônica para a temporada 2013 da Orquestra Filarmônica de Minas Gerais, após obter o primeiro lugar no IV Festival Tinta Fresca, dessa orquestra.

Japiim n° 7 foi dedicada a Toninho Carrasqueira e integra uma série de peças com flauta, onde o instrumento é tratado como o passarinho que consegue imitar diversos cantos mas não tem um canto que o caracterize.

Jorge Antunes (Jorge de Freitas Antunes, Rio de Janeiro/RJ, 23/4/1942) formou-se em violino, composição e regência. Em 1961, destacou-se como precursor da música eletrônica no Brasil, ao mesmo tempo em que ingressava no curso de física da então Faculdade Nacional de Filosofia. Realizou estudos pós-graduados em composição no Instituto Torcuato Di Tella, de Buenos Aires, na Universidade de Utrecht e no Groupe de Recherches Musicales de l'ORTF. Fez doutorado em estética musical na Universidade de Paris VIII. Em 1973, ingressou no corpo docente da Universidade de Brasília, onde foi professor titular de composição musical até 2011, quando se aposentou. Obteve vários prêmios nacionais e internacionais, é pesquisador sênior na UnB, pesquisador do CNPq, membro da Academia Brasileira de Música e presidente da Sociedade Brasileira de Música Eletroacústica.

Quê que a gente faz, concertino para violão, orquestra de cordas e sons pré-gravados tem sua gênese na invasão da ocupação conhecida como Pinheirinho, em São José dos Campos/SP, pela Polícia Militar de São Paulo e pela Guarda Civil Metropolitana da cidade, a 22/1/2012. A violenta desocupação da comunidade ficou conhecida como "Massacre do Pinheirinho". Um repórter estava junto à comunidade no momento da invasão e gravou os sons de tiros, bombas e gritos do povo e das crianças. "*Quê que a gente faz?*" foi uma das frases gritadas, repetidas vezes, por uma mulher que tentava proteger seus filhos. A inflexão é cromática e descendente. É com essa célula melódica que o concertino é desenvolvido. Na parte intermediária da obra, o compositor usa trecho da gravação sonora dos momentos dramáticos da invasão.

Marcos Lucas (Rio de Janeiro/RJ, 3/9/1964), formado em composição e educação musical pela Unirio, fez mestrado na UFRJ, em 1994. Entre 1995 e 1999, como bolsista da Capes, doutorou-se em composição musical na University of Manchester, na Inglaterra, e proferiu seminários, masterclasses e palestras sobre composição musical e música brasileira em universidades britânicas. Entre outros prêmios, recebeu o 2º lugar no Procter Gregg Award na Inglaterra e o 1º lugar no VI Concurso Nacional Funarte de Composição Musical, na categoria Orquestra Sinfônica. Foi ainda finalista nos concursos de composição "Camargo Guarnieri" (2008) e "Tinta Fresca" (2011). Representou o Brasil em festivais como ISCM World Music Days, em Ljubljana, State of the Nation, em Londres, VI Festival de Música Contemporânea Tres Cantos, em Madrid, Festival Spazio 900, em Cremona. Foi compositor convidado na Wesleyan University (2012, Illinois), onde desenvolveu atividade pedagógica e dirigiu obras suas. Sua produção inclui três óperas: *Inferno Verde*, estreada no Queen Elisabeth Hall, em Londres; *O pescador e sua alma*, que recebeu 32 récitas nos Centros Culturais do Banco do Brasil, em Brasília e no Rio de Janeiro; *Stefan and Lotte in paradise*, sobre Stefan Zweig, estreada na University of Salford / BBC / Media City UK. É professor associado de composição, harmonia, análise e música de câmara na Unirio, onde dirige, desde 2003, o grupo de música contemporânea GNU, e também integra outro grupo de compositores, o Prelúdio 21.

Sortilégios é um concerto para violoncelo e cordas dedicado ao violoncelista Hugo Pilger. O título alude às diversas "janelas" estilísticas abertas em determinados momentos nesta obra de linguagem eclética. O primeiro movimento, *Leve, transparente e preciso*, apresenta inicialmente uma atmosfera onírica e transparente, que aos poucos ganha energia para um grande clímax e uma subseqüente distensão ao final. O segundo, *Decidido*, é um rondó que alterna seções de caráter lírico com outras mais burlescas. O terceiro, *Pesarosa*, concentra grande carga emocional: uma pequena cadência de natureza melancólica, no violoncelo solo, amplia-se, aos poucos, numa polifonia de grande expressividade e variedade textural, nas seções seguintes.

Mario Ferraro (Mario Jacinto Ferraro, Franca /SP, 6/12/1965) fez carreira como pianista, compositor, arranjador, regente de coros, produtor e diretor de música nas áreas de música popular, teatro e cinema/vídeo documentário. Ganhou o primeiro prêmio no Concurso Nacional de Composição Camargo Guarnieri, em 2005, com sua *Abertura Sinfônica Brasília*. Sua música tem sido divulgada internacionalmente, a partir da estadia em Londres para a realização de doutorado em composição na City University (2007-2012). Dentre as obras que estreou naquela cidade, destacam-se a ópera de câmara *The Moonflower* (2011) e a ópera *Ahayuta e o comedor de nuvens* (2013), primeira de uma série de cinco óperas curtas dedicadas a crianças em condições de saúde restritivas, sob encomenda da Maternik Foundation/UK. Recentemente, recebeu apoio da Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro ao seu projeto de criação artística *Guanabara – Quadros para Orquestra*, inspirado nos diversos ecossistemas da Baía de Guanabara. O compositor define-se como sendo essencialmente um músico de teatro, meio em que atuou por quase duas décadas, quando estabeleceu as bases e ferramentas que posteriormente utilizaria como criador de música de concerto.

A Estrada do Rio Morto teve o título inspirado na localidade de mesmo nome, situada no Recreio dos Bandeirantes, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. Sua paisagem, bela, embora degradada, serviu de mote para uma evocação musical subjetiva da luz solar que ali incide, diversa e contrastante, a cada fase do dia.

Matheus Bitondi (Matheus Gentile Bitondi, Ribeirão Preto/SP, 16/2/1979) formou-se no Instituto de Artes da Unesp, instituição pela qual é mestre. Atua como professor na Faculdade Santa Marcelina e na Faculdade Cantareira, em São Paulo. Como compositor, tem obras executadas no Auditório Ibirapuera, em São Paulo, na Sala Cecília Meireles, no Rio de Janeiro, e no Teatro Oi Futuro Klaus Vianna, em Belo Horizonte; por grupos como a Orquestra Sinfônica de Minas Gerais, o Quarteto Continental e a Banda Sinfônica do Estado de São Paulo. Foi premiado no Concurso Nacional de Composição "Camargo Guarnieri", promovido pela Orquestra Sinfônica da USP, e no String Quintet Contest for Brazilian Composers, da Kean University, EUA.

Impropérios harmônicos em palavras afáveis – "Im.pro.pé.ri.o", s. m., discurso ofensivo e injurioso, ultraje, afronta, ofensa, reprimenda, insulto. Ouvem-se dissonâncias rudes, harmonias tensas, melodias grotescas, notas atacadas com violência, gestos agressivos dos arcos, timbres estridentes, urros, ruidos desagradáveis, agudos incômodos como gritos, graves roucos e assustadores, intensidades extremas à beira do insuportável, texturas ásperas, sonoridades repulsivas etc... porém, é música.

Paulo Costa Lima (Salvador/BA, 26/9/1954) completa 30 anos de Bienais, em 2013. "Neste breve espaço curricular gostaria de privilegiar aquilo que é essência — o amor de transferência com relação à causa da criação musical e tudo que ela mobiliza e desencadeia (inclusive este texto): o sabor da palavra resistência, o desafio da palavra consciência. Soa heróico, mas é também artesanato do sobreviver, amor de si. Estamos aqui para tentar, diz nossa causa experimentadora, e também para o encontro. Nasci e cresci na Bahia fazendo parte de um obstinado movimento de composição musical que permanece gerando frutos. Podemos contabilizar mais de 1.200 obras compostas, entre 1963 e 2013, por um coletivo de mais de 50 compositores – a maioria tendo sido estreada. Destaca-se a atuação recente da OCA – Oficina de Composição Agora, para a qual tive a honra de ser uma voz inspiradora. Para esse acervo contribuí até hoje com 100 obras, que geraram 350 performances em muitos centros musicais. Como pesquisador do CNPq, tenho grande interesse pela relação entre composição e cultura, pela rítmica afro-baiana e pelo ensino do compor. Já publiquei cinco livros que aprofundam esses temas. Ao longo dos anos, várias atividades de ensino, de pesquisa e 'di-gestão' (diretor, pró-reitor e secretário de cultura da cidade). O trocadilho remete à antropofagia, uma coisa comendo a outra, filosofia do compor que entendo ampliado, luta e sagacidade para inscrever diferenças constitutivas pelas entrelinhas de discursos colonizadores, mesmo os bem intencionados. E, certamente, podemos tramarmos muito mais ainda. Confira: www.composicaocultura.com e www.pclufba.wordpress.com."

Bahia concerto 2012 – concerto resposorial afro-baiano. Uma peça sobre a Bahia, não apenas de dentro, mas também como vista e construída de fora, especialmente no Rio de Janeiro da Rádio Nacional. Transferência desses traços de melodia e identidade para o plano estrutural e embate expressivo entre hexacordes de teclas brancas e pretas. Gestos afro-baianos. Alusões a muitas coisas que a antropofagia baiana permite e acalenta. Humor e *non-sequitur*. Referências que tudo unificam, mas que também se escondem no tecido da obra.



XX BIENAL DE MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

SALÃO LEOPOLDO MIGUEZ

Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro

28 de setembro de 2013 – sábado, 19h

MÚSICA ELETROACÚSTICA – ACUSMÁTICA



L. C. Csekö

foto Joana Traub Csekö



Felipe de Almeida Ribeiro



Rodrigo Cicchelli Velloso

foto Angélica de Carvalho



Bryan Holmes



Jocy de Oliveira



Caio Pierangeli



Marcus Alessi Bittencourt



Vania Dantas Leite

foto Luiz Fernando Grillo

I
L. C. Csekö *Noite do Catete 10* *
violino Tomaz Soares,
light/scenic/sonic design, amplificação Luiz Carlos Csekö

Felipe de Almeida Ribeiro *No desalinho triste de minhas
emoções confusas* **
piano Tatiana Dumas, difusão Felipe de Almeida Ribeiro

Rodrigo Cicchelli Velloso *Seis estudos de allures:* *
I – *Imagem*; II – *Figuras*; III – *Harmonias*; IV – *Solo*;
V – *Paisagem*; VI – *Reconfigurações*
flauta Eduardo Monteiro,
piano Flavio Augusto,
difusão Rodrigo Cicchelli Velloso

Bryan Holmes *Glosa de clímax púrpura* **
difusão Bryan Holmes

II
Jocy de Oliveira *Interlúnio V (2012)* *
oboé Ricardo Rodrigues, difusão Jocy de Oliveira

Caio Pierangeli *La coupe et le café* **
difusão Caio Pierangeli

Marcus Alessi Bittencourt *Quatro tempos metálicos, para piano solo
com modulação em anel quádrupla
(live electronics)* **
I – *Eloquente*; II – *Cantabile*; III – *Pulsante*; IV – *Furioso*
piano e difusão Marcus Alessi Bittencourt

Vania Dantas Leite *Memórias abstratas e abstraídas* *
ABSTRAI ensemble:
flauta Pauxy Gentil-Nunes, clarineta José Batista Jr.,
sax Pedro Bittencourt, contrabaixo Alexandre Brasil,
piano Katia Baloussier, percussão Daniel Serale e
Tiago Calderano, difusão Vania Dantas Leite,
regente Cinthia Alireti
direção artística Pedro Bittencourt

coordenadores Marcelo Carneiro de Lima e Paulo Dantas

obras em estreia mundial:

* encomendadas pela Funarte em 2012

** vencedoras do Prêmio Funarte de Composição Clássica 2012

L. C. Csekö (Luiz Carlos Csekö, Salvador/BA,10/2/1945), coordenador e diretor de eventos voltados para a formação de público, é um expoente no cenário da música experimental. É diretor executivo, fundador e coordenador do *ENSEMBLE BATUCADANÁRICA*, *PAN ENSEMBLE*, e criou a Oficina de Linguagem Musical que atua em projetos de âmbito nacional, voltada para público profissional, leigo e crianças. Participante ativo dos principais encontros no Brasil e autor de vários artigos sobre música e composição, leciona nos Seminários de Música Pró Arte e no Conservatório Brasileiro de Música, onde é Coordenador de Composição.

Noite do Catete 10 trabalha com um denso enleir idiossincrático de cordas friccionadas. Combina a sonoridade tradicional com a rascante produção por pressão excessiva nas cordas. Um contraponto aleatório de blocos texturizados por compactação e amplificação, de improvisação com elementos determinados, propela a peça, registrada em notação gráfica híbrida. Delgadas colunas de luz vermelha transfixam o intérprete em imagem cênica. Baliza-se poeticamente pela epígrafe de Paulo Leminski: "...a vocês eu deixo o sono. o sonho não. esse, eu mesmo carrego."

Felipe de Almeida Ribeiro (Curitiba/PR, 22/9/1980) estudou composição e computação musical e é doutor pela State University of New York at Buffalo. Sua música tem sido executada e premiada nos Estados Unidos, Canadá, Alemanha, Hungria, Brasil, Inglaterra e México, e interpretada por artistas e conjuntos, como New York New Music Ensemble, Luciane Cardassi, Norrbotten Neo e THReNs-semble. É professor assistente na Escola de Música e Belas Artes do Paraná, onde leciona composição, acústica, contraponto e tecnologia musical. Lidera o Grupo de Pesquisa Núcleo Música Nova e é o coordenador geral do SIMN (Simpósio Internacional de Música Nova e Computação Musical).

No desalinho triste de minhas emoções confusas procura "dilatár" o piano, explorando sonoridades marginalizadas dentro do tradicional repertório deste instrumento. Por meio de técnicas estendidas e processamento em tempo real, via computador, essa obra apresenta um leque sonoro de natureza frágil, convidando o ouvinte a desenvolver uma percepção atenta e reflexiva.

Rodrigo Cicchelli Velloso (Rio de Janeiro/RJ, 9/7/1966/) graduou-se em composição pelo Instituto Villa-Lobos, na Unirio, e cursou o doutorado em composição de música eletroacústica na University of East Anglia/Inglaterra, além do Coursus de Composition et d'Informatique Musicale no IRCAM, em Paris. Sua produção composicional foi premiada em eventos como o Concurso Internazionale Luigi Russolo e a Tribune Internationale de Musique Electroacoustique, da UNESCO. É professor associado do Departamento de Composição Musical da Escola de Música da UFRJ e integra o grupo interdisciplinar Concha, da UFRJ, voltado para o desenvolvimento das artes e ciências do som. Na Rádio MEC/FM, produz e apresenta o programa radiofônico Eletroacústicas, fruto de um convênio entre a UFRJ e a EBC, que vai ao ar toda quarta-feira à meia-noite.

O título **Seis estudos de allures** remete aos vários significados possíveis da palavra francesa *allure*, relacionados às ideias de velocidade, passo, andadura, e ainda ao aspecto ou à aparência de algo. "*Avoir de l'allure*" significa "ter estilo" e "*à toute allure*" quer dizer "a toda velocidade". Pierre Schaeffer utiliza o termo com um de seus sete critérios de percepção musical. A *allure* estaria relacionada à fase de sustentação de um som, à sua vida interna, inflexão ou vibrato. Num certo sentido, é a ideia de vibrato generalizado, com influência sobre outros aspectos do som, como o timbre harmônico e o grão. Nesses estudos, cujas durações variam de 35" a 2'40", o compositor partiu da acepção schaefferiana para compor uma peça que remete aos primórdios da música eletroacústica.

Bryan Holmes (Bryan Holmes Diaz, Santiago do Chile, 27/4/1981), compositor, produtor e pesquisador chileno, residente no Brasil, é mestre pela UNIRIO, orientado por Vania Dantas Leite, e bacharel pela Pontifícia Universidade Católica de Valparaíso, Chile, onde estudou com Eduardo Cáceres. Foi bolsista da Capes e da FAPERJ, tem obras premiadas e estreadas em vários países da Europa e das Américas, partituras editadas na Periferia Sheet Music (Barcelona/Moscú) e discos editados em diversos países. Especializador e executante de *liveelectronics*, integra o 2dB duo com a soprano/bailarina/atriz Dorian Mendes, apresentando-se em palcos da América Latina e Europa. É improvisador multi-instrumentista no duo Pajelança Eletrônica com o guitarrista Francisco Frias, membro da Rede de Arte Sonora Latinoamericana e da Comunidade Eletroacústica do Chile. Coordena o curso de Música e Tecnologia no Conservatório Brasileiro de Música, onde lidera o Laboratório de Sonologia e ensina composição, orquestração, música eletroacústica e tecnologia musical.

Glosa de climax púrpura, obra composta em função do seu clima, apresenta um arco dramático onde a tensão é acumulada através do tratamento harmônico, tímbrico e gestual, resolvendo, após atingir o ápice principal, numa coda menos frenética. Dentre outros sons, utiliza os de fontes instrumentais Mapuche (www.jacobinodiscos.cl/discos/mapuche_samples.html) e de gongos indianos, sinos tibetanos, saltério, tambor de mola, síntese e algumas amostras extraídas de multitracks de canções de rock.

Jocy de Oliveira (Curitiba/PA, 11/4/1936) é pioneira no desenvolvimento de um trabalho multimídia no Brasil. Recebeu prêmios de instituições como as Fundações Guggenheim, Rockefeller, Bogliasco, e também da Capes e do New York Council on the Arts. É membro da Academia Brasileira de Música. Suas obras são apresentadas em teatros e festivais no Brasil, Europa, China, EUA, México, e foi homenageada pelo Festival Internacional de Campos do Jordão, em 2007.

É a primeira entre os compositores nossos a compor, roteirizar e dirigir suas óperas, cujo sentido tradicional reformula. Em 2008, o Instituto Oi Futuro, no Rio de Janeiro, promoveu, durante dois meses, uma retrospectiva desses trabalhos, visitada por cerca de 20 mil pessoas. Nesse ano, lançou um *box* com quatro DVDs, compilando seis óperas, com distribuição internacional pela NAXOS Video Library. Minhas óperas multimídias – *Revisitando Stravinsky* e *Berio sem censura* estrearam no Theatro Municipal do Rio de Janeiro e Sesc São Paulo em 2010 e 2012. Foi solista sob a regência de Stravinsky e apresentou em estreia mundial obras a ela dedicadas por Xenakis, Berio, Santoro, Cage. Como pianista e compositora, gravou 22 discos em vários países, inclusive a obra pianística de Olivier Messiaen, para o selo Naxos. É autora de quatro livros publicados no Brasil e nos EUA; um outro será lançado no Brasil em outubro de 2013 e na França em 2014.

Interlúnio significa fases escuras da lua. **Interlúnio V** integra uma série de seis interlúnios compostos para instrumentos acústicos e eletrônica. A parte eletroacústica dessa obra foi construída a partir de um oboé e alguns instrumentos de percussão. Uma introdução do solista explora texturas e a liquidez do sopro, até mesmo na água. O instrumentista interage com a parte eletroacústica, utilizando livremente o material determinado no início da peça.

Caio Pierangeli (Caio TikarashiPierangeli, São Bernardo do Campo/SP,24/8/1987) fez sua iniciação musical ouvindo o pai violonista, e foi ao violão que se introduziu na prática musical. Na pré-adolescência, mudou-se para o Japão, onde aprofundou seus estudos no universo sonoro. Foi percussionista da Orquestra Yahagui e teve as primeiras aulas de composição e regência no Conservatório de Okazaki. Retornando ao Brasil, ingressou no curso de composição na Universidade Estadual de Maringá, onde é membro e pesquisador do Laboratório de Pesquisa e Produção Sonora, coordenado por Marcus Alessi Bittencourt e Rael Bertarelli Gimenes Toffolo.

A inspiração inicial para criar **La coupe et le café** veio da sensação, experimentada pelo compositor, de que a manhã é o único momento tranquilo e silencioso do dia, em que ele está consigo mesmo. Assim, ele observa e escuta os sons ao redor, enquanto faz o café da manhã. A peça é uma tentativa de mapear dois mundos – o referencial sonoro da xícara de café e seu distanciamento, a partir de transformações e de outros meios, na procura de fazer emergir alguma relação gestáltica que possa ser percebida e detectada nos objetos sonoros. Pode-se considerar que, estruturalmente, a obra se organiza em torno de uma grande transformação, permeada, de certa forma, por uma área de tônica e outra de dominante, para depois retornar à sua origem.

Marcus Alessi Bittencourt (Garland/Texas/EUA, 4/2/1974) foi discípulo de Willy Corrêa de Oliveira, e é doutor em Composição Musical pela Universidade Columbia de Nova York, onde estudou com Joseph Dubiel, Fred Lerdahl e Tristan Murail, com bolsa de estudos da Andrew Mellon Foundation. Sua lista de obras inclui peças para orquestra, grupos de câmara, coro, instrumentos solistas e óperas, além de peças eletroacústicas. É professor de composição, teoria e computação musical na Universidade Estadual de Maringá, onde criou e coordena o Laboratório de Pesquisa e Produção Sonora.

Quatro tempos metálicos (2012), para piano solo com modulação em anel quádrupla, pede o processamento eletroacústico em tempo real do piano via computador, de certa maneira implementando uma proposta análoga à de um piano preparado, mas sem a necessidade de uma intervenção física nas cordas do instrumento e com uma precisão cirúrgica quanto ao resultado sonoro exato do procedimento. Tal processamento digital faz com que cada nota do piano seja transformada em diferentes instrumentos de percussão, parecendo gongos ou percussões metálicas. As indicações de andamento sugerem os estados de espírito básicos para os quatro tempos da obra: *Eloquente, Cantabile, Pulsante* e *Furioso*.

Vania Dantas Leite (Rio de Janeiro/RJ, 13/8/1945), compositora, pianista, regente, Doutora em Música pela UniRio, dedica-se à música contemporânea, desenvolvendo pesquisas e atividades no Brasil e no exterior. Recebeu prêmios importantes como 1º lugar no Concurso Nacional de Composição (1972), 3º lugar no Concurso Internacional de Regência dedicado às obras de W. A. Mozart (RJ, 1973), prêmio Programa de Bolsas RioArte (1996) e Prêmio da Rockefeller Foundation (Foundation's Study and Conference Center in Bellagio, 2003). Entre 1981 e 2012, integrou o quadro de professores da UniRio, onde criou a disciplina Música Eletroacústica, em 1986, e o Estúdio de Música Eletroacústica do Instituto Villa-Lobos, em 1992. Entre suas atividades no exterior, participações em congressos, concertos e festivais, como, Sonidos de las Américas no Teatro do Carnegie Hall, New York (1996), e EMS09 International Conference, Buenos Aires (2009).

O título **Memórias abstratas e abstraídas** tem o objetivo de descrever o processo composicional da obra. A inspiração vem do texto de S. Emerson intitulado *The relation of language to materials*, onde os termos sintaxe abstrata e sintaxe abstraída referem-se a dois princípios básicos de organização da linguagem musical: a criação e a manipulação de formas criadas abstratamente, como por exemplo, a música de partitura e a criação e manipulação de formas desenhadas diretamente da natureza intrínseca dos sons, abstraídas (ou extraídas) da percepção de um material sonoro em si. A intenção desta obra foi confrontar estes dois processos composicionais, aqui representados pelas duas partes que a compõem, a primeira, instrumental, e a segunda, eletroacústica. Ainda, com relação ao termo memórias, a peça cita dois trechos do repertório musical tradicional. O primeiro no piano (39 primeiros compasso da *Burlesque I* de Bela Bartok) e o segundo no tímpano (fragmento do 2º mov. da 9ª de Beethoven).



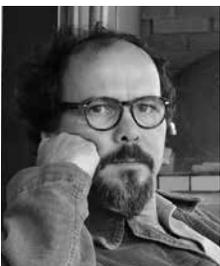
XX BIENAL DE MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

SALÃO LEOPOLDO MIGUEZ

Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro

29 de setembro de 2013 – domingo, 17h

I



Flo Menezes

Flo Menezes *TransFormantes VI (Formante 1) **

Quinteto Contemporâneo:
flauta Maria Carolina Cavalcanti,
oboé Francisco Gonçalves, *clarineta* Paulo Passos,
trompa Daniel Soares, *fagote* Mauro Ávila
(obs.: as cinco partes dessa obra estão distribuídas ao longo do concerto)



Guilherme Bertissolo

Guilherme Bertissolo *A dor ensina a gemer ***

ABSTRAI ensemble:
flauta Pauxy Gentil-Nunes, *oboé* Juliana Bravim,
clarineta José Batista Jr., *fagote* Ariane Petri,
violino Mariana Salles, *violoncelo* Marcus Ribeiro,
regente Cinthia Alireti
direção artística Pedro Bittencourt



Nelsindo de Moraes

Nelsindo de Moraes *In illo tempore ***

Quinteto Villa-Lobos:
flauta Rubem Schuenck, *oboé* Luiz Carlos Justi,
clarineta Paulo Sérgio Santos, *fagote* Aloysio Fagerlande,
trompa Philip Doyle



Michelle Agnes

Michelle Agnes *Vento noroeste II ***

ABSTRAI ensemble:
clarineta José Batista Jr., *violino* Mariana Salles,
violoncelo Marcus Ribeiro
direção artística Pedro Bittencourt



Harry Crowl

Flo Menezes *TransFormantes VI (Formante 2) **

Harry Crowl *Quinteto para piano e quarteto de cordas
"Mirabilis Jalapa" **

piano Tamara Ujakova
Quarteto Continental:
violinos Alejandro Aldana e Marisol Infante,
viola Samuel Passos, *violoncelo* Paulo Santoro

II



Liduino Pitombeira

Agnaldo Ribeiro *Jorunsqá-conquê ***

piano Ingrid Barancoski

Flo Menezes *TransFormantes VI (Formante 3) **

H. Dawid Korenchandler *Zinfandel ("uma taça de vinho... um diálogo") **

Duo Barrenechea:
flauta Sérgio Barrenechea, *piano* Lucia Barrenechea

Marcilio Onofre *Suíte dos cinco ventos: ***

I – *m:li*; II – *Plateaux*; III – *Ex silentio*; IV – *Contactus*; V – *Estudo*
piano Silas Barbosa de Oliveira

Flo Menezes *TransFormantes VI (Formante 4) **

Liduino Pitombeira *Contrastes **

I – *Antítese*; II – *Ângulo obtuso*; III – *Hemisfério*
piano Tamara Ujakova
Quarteto Continental:
violino Alejandro Aldana, *viola* Samuel Passos,
violoncelo Paulo Santoro, *contrabaixo* Claudio Alves

Flo Menezes *TransFormantes VI (Formante 5) **



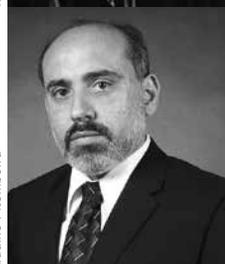
Agnaldo Ribeiro



H. Dawid Korenchandler



Marcilio Onofre



Liduino Pitombeira

obras em estreia mundial:

* encomendadas pela Funarte em 2012

** vencedoras do Prêmio Funarte de Composição Clássica 2012

Flo Menezes (São Paulo/SP,18/4/1962) estudou composição com Willy Corrêa de Oliveira na USP e música eletroacústica com Hans Humpert, em Colônia, na Alemanha, com especialização em Pádua, na Itália. Doutorou-se na Bélgica, com tese sobre Luciano Berio, orientada por Henri Pousseur. Foi aluno de P. Boulez, L. Berio, B. Ferneyhough e K. Stockhausen, de quem se tornou assistente pedagógico. Atuou junto à Fundação Paul Sacher em Basileia, na Suíça, e ao Ircam, em Paris, e foi o primeiro livre-docente no Brasil em composição eletroacústica, em 1997. Obteve alguns dos principais prêmios internacionais de composição: Unesco, em 1991; Trimalca, em 1993; Ars Electronica, na Áustria, em 1995; Concorso Luigi Russolo, na Itália, em 1996. Em São Paulo, recebeu o Prêmio Cultural Sergio Motta e a Bolsa Vitae de Artes. É autor de mais de 70 obras, professor titular da Unesp e fundador e diretor do Studio PANaroma de Música Eletroacústica.

Transformantes VI insere-se na categoria que o compositor denomina *obras-ambiente*, partindo da idéia de *formantes* como “zonas de perturbação da forma musical”, que se espalham por todo o concerto no qual a peça é inserida. A obra revisita uma formulação musical anterior, que perpassa obras como *labORatorio* e *Retrato falado das paixões*. Na obra do compositor – e notadamente na série dos *Transformantes* –, *todo o tempo e todo o espaço* de um ritual de concerto tende a ser por ele incorporado, de modo a não mais haver limites temporais nem espaciais do que ouvimos e vivemos como *escritura musical*. Os limites são estranhos a uma música que se pretenda radical.

Guilherme Bertissolo (Porto Alegre/RS, 2/4/1984), mestre e doutor em composição musical pela UFBA, teve obras premiadas em diversos concursos de composição, dentre os quais o 2º Concurso Nacional Ernst Widmer e o 10º Concurso Carl Von Ossietzky, na Alemanha, e foi finalista do Concurso Camargo Guarnieri de Composição. Suas obras tem sido apresentadas em diversas cidades brasileiras, nos Estados Unidos e na Europa, em eventos como o Festival Dias de Música Eletroacústica, o Festival Internacional de Inverno de Campos do Jordão, a Bial de Música Brasileira Contemporânea e a Bial Música Hoje. É professor de composição e teoria na Escola de Música da UFBA, co-editor da *ART Review* e membro atuante da Oficina de Composição Agora, associação civil que produz, registra e divulga música contemporânea.

A dor ensina a gemer é uma obra sobre a angústia da condição humana em face do desconhecido e do imponderável, as circunstâncias de enfrentamento de obstáculos, o receio em relação ao novo e ao imprevisível. Há uma tentativa de remediar a irreversibilidade do tempo; os eventos musicais se sucedem e reaparecem como num anagrama. Processos se desdobram para dar sentido a uma teia de acontecimentos onde o imponderável se apodera da forma e gera consequências nos acontecimentos seguintes. E o tempo, como sempre, sobrepõe-se a tudo.

Nelsindo de Moraes (Nelsindo de Moraes da Silva, Rosário Oeste/MT, 1/5/1984) é graduado em música (2009) e mestre em Poéticas Contemporâneas pelo Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da UFMT, onde é membro do Núcleo de Estudos de Composição e Interpretação da Música Contemporânea. Atua em composição, arranjo, interpretação (violão e baixo elétrico) e educação musical, e tem obras gravadas e editadas.

In illo tempore, composta para quinteto de sopros sinfônico e estruturada em cinco breves seções, é trabalhada em atonalismo livre. O título é uma expressão latina, utilizada pelo filósofo Mircea Eliade em alusão aos tempos remotos da humanidade.

Michelle Agnes (Michelle Agnes Magalhães, Campo Grande/MS, 20/10/1979) iniciou os estudos de composição no Festival de Londrina com H. J. Koellreuter e concluiu bacharelado em composição pela Unicamp, em 2002. Participou de cursos e masterclasses com Georges Aperghis, Pierluigi Billone, Stefano Gervasoni e Tristan Murail, e foi aluna de Salvatore Sciarrino na Accademia Chiggianna. Tem obras apresentadas em festivais como Sonorities, Composit, Etchings, Synthèse, File, Escuchar e Abaetetuba. É doutora pela USP, com a tese *O estilo tardio de Luigi Nono*. Premiada com a bolsa Unesco-Aschberg para jovens artistas, em 2003, fez residência artística no Institut International de Musique Electroacoustique de Bourges. Reside em Paris, onde faz pesquisa de pós-doutorado no IRCAM.

Vento noroeste inspira-se no texto de Marcel Proust, “Vento marinho no campo” (*Os prazeres e os dias*). O ponto de partida para a composição foi uma sonoridade “eólia” produzida com o arco na surdina de madeira no violino e no violoncelo, que traduziu, para a compositora, uma parte da nostalgia, da melancolia e do cenário estático descrito pelo texto de Proust. Na peça, podemos ouvir variações desse som, e elementos contrastantes. As imagens sonoras do texto norteiam as escolhas musicais: o vento assovia, leva as folhas caídas, faz bater ao longe as portas e as janelas de uma casa no morro. Uma paisagem se descortina.

Harry Crowl (Harry Lamott Crowl Jr., Belo Horizonte/MG,6/10/1958), compositor, musicólogo e professor, é diretor artístico da Orquestra Filarmônica da UFPR, professor da Escola de Música e Belas Artes do Paraná, e atua como produtor de programas de rádio na E-Paraná FM. Foi delegado brasileiro junto à Sociedade Internacional de Música Contemporânea/SIMC, e participa dos principais festivais de música, no Brasil e no exterior. Seu catálogo de obras compreende 140 títulos, executados e transmitidos em programas de rádio, no Brasil e em todos os continentes, por conjuntos como Ensemble Recherche, Ensemble Cross Art, Trio Fibonacci, Ensemble 2E2M, Moyzes Quartet, Ansamblu Traiect.

O **Quinteto para piano e quarteto de cordas “Mirabilis jalapa”** alude às flores vistosas e de cores variadas, conhecidas popularmente como Bela da Noite, Maravilha, que nascem de arbustos de 60 a 100 cm de altura, típico da planície costeira da Floresta Atlântica. Essa obra baseia-se numa aquarela com cores, estrutura física e sugestões do movimento causado pela brisa e o vento. Não pretende buscar relações científicas entre sons e cores, mas expressar sugestões poéticas.

Agnaldo Ribeiro (Agnaldo Ribeiro dos Santos, Jequié/BA, 1/12/1943) é professor aposentado da/ Escola de Música da Universidade Federal da Bahia, onde coordenou o Colegiado de Composição e Regência, foi chefe do Departamento de CLEM/EMUS e vice-diretor. Obras suas foram premiadas e são apresentadas em concertos e festivais de música contemporânea na Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, e ainda na Grécia, Alemanha, Argentina, Chile e outros países. Em **Jorunsgá-Conquê**, a nota mi é a primeira de uma série de 11 sons (o fá# não aparece). Dessa série e de uma variante, desenvolvem-se pequenos fragmentos ou seções variadas do material básico, que recebem tratamento livre, pelo qual esses fragmentos se misturam, transformam, repetem, superpõem e separam, resultando, ainda assim, num único complexo sonoro. Em qualquer situação, o material básico é o mesmo, inclusive quando se apresenta modificado. Algumas interferências ocorrem no final – elementos já apresentados tentam voltar. Rompem-se os vínculos, e resta apenas a mesma nota mi do início da peça.

H. Dawid Korenchender (Rio de Janeiro/RJ, 1948) estudou piano com Arnaldo Estrella e Lúcia Branco; Henrique Morelenbaum guiou-o na composição. Graduou-se na Escola de Música da UFRJ em piano, composição e regência, e é pós-graduado em Educação Musical pela Unirio. Foi professor primário, de educação musical e supervisor dessa disciplina. Desde 1977 leciona composição, contraponto e fuga, instrumentação e orquestração no Instituto Villa-Lobos, da Unirio, tendo alunos premiados em concursos de composição, como Rodrigo Cicchelli Velloso, Márcio Conrad, Sérgio de Oliveira e Nikolai Brücher. Revisou partituras de Leopoldo Miguez, Henrique Oswald, Alberto Nepomuceno, entre outros. Como compositor, recebeu diversos prêmios e encomendas de obras. Dentre suas obras gravadas, destacam-se o *Divertimento para violoncelo solo*; as *Sonatas para Piano n° 4 “In-Tensa-Ad-Tensa”* e n° 6 “*Apoiose em Si bemol*”; *Memórias*, também para piano; a *Abertura* para orquestra e a *Sinfonia n° 3 “Psalmi-Tehilim”*.

Zinfandel, sonata em um movimento, dedicada ao Duo Barrenechea, foi inspirada nos vinhos produzidos a partir da uva de mesmo nome, considerados como estimulantes da boa conversa. Após uma introdução lenta, temos uma exposição bitemática típica da forma sonata, seguida de um scherzo, findo o qual entra-se no desenvolvimento (lentamente, com um recitativo da flauta) que, em duas seções, contempla a exposição e o scherzo. Como coda, voltamos à introdução lenta, arrematada por uma falsa entrada do primeiro tema da exposição. A obra apresenta uma linguagem de estilo neo-romântico, com estrutura harmônica tonal, porém bastante livre, em que as modulações conduzem a caminhos não previstos.

Marcílio Onofre (Marcílio Fagner Onofre, João Pessoa/PB, 7/2/1982), bacharel em piano, estudou composição com Eli-Eri Moura, que orientou seu mestrado. É professor da UFPP e membro do Laboratório de Composição Musical/Composus. Premiada em concursos de composição – Duo Solo Emerging Composer Competition, 6th SCCM New Composition, Concurso Nacional Camargo Guarnieri, dentre outros –, participa de festivais relacionados à música contemporânea, como o da Académie Internationale de Musique et de Danse Du Domaine Forget, das Bienais de Música Brasileira Contemporânea, do Festival Internacional de Inverno de Campos do Jordão. Obras suas são interpretadas por conjuntos como a Camerata Aberta, o Grupo Sonantiss/UFPP, o Arditti String Quartet, o Nouvel Ensemble Moderne. Voltou, recentemente, da Polónia, onde estudou com Krzysztof Penderecki na Akademia Muzyczna w Krakowie, com bolsa do Mozarteum Brasileiro.

A **Suíte dos cinco ventos**, formada por cinco peças curtas, utiliza diversos recursos composicionais, como estruturas simétricas e a exploração das ressonâncias do instrumento. A paráfrase está presente, principalmente, na peça Estudo, composta tendo como referência o *Dies Irae*, do *Réquiem para um trombone*, de Eli-Eri Moura. Cada uma das cinco peças homenageia um colega compositor: Iza Nogueira, J. Orlando Alves, Didier Guigue, Wilson Guerreiro e Eli-Eri Moura.

Liduíno Pitombeira (Liduíno José Pitombeira de Oliveira, Russas/CE, 6/10/1962) fez PhD em composição pela Louisiana State University. Tem obras executadas pelo Quinteto de Sopros da Filarmônica de Berlim, Louisiana Sinfonietta, Red Stick Saxophone Quartet, New York University New Music Trio, Orquestra Sinfônica de Ribeiro Preto, Poznan Philharmonic Orchestra e Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo. Recebeu prêmios em concursos de composição, no Brasil e nos Estados Unidos, como os primeiros prêmios no Concurso Camargo Guarnieri (1998) e no Concurso Sinfonia dos 500 Anos. Os números 2, 6 e 9 da série *Brazilian landscapes* foram premiadas nos Estados Unidos. Suas peças são publicadas pela Peters, Bella Musica, Criadores do Brasil (QSESP), Connors, Alry, RioArte e Irmãos Vitale; gravações são disponíveis nos selos Magni, Summit, Centaur, Antes, Filarmônica, Blue Griffin e Bis.

Contrastes é inspirada no poema homônimo de Augusto dos Anjos, e foi escrita em comemoração ao centenário de publicação de *Eu*. Os títulos dos movimentos foram extraídos do poema.



XX BIENAL DE MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

SALÃO LEOPOLDO MIGUEZ

Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro

30 de setembro de 2013 – segunda-feira, 19h



Rubens Tubenchlak

Rubens Tubenchlak *Cantos de Maldoror* **
Quarteto Uirapuru:
violinos Adonhiran Reis e Fernando Pereira,
viola Estevan Almeida, *violoncelo* Claudia Grosso



Gilson Beck

Gilson Beck *Exsanguie II* **
UDI Cello Ensemble:
violoncelos Gabriel Gonçalves, Isaac Andrade,
Paulo Arruda, Eder Belchior, Brunno Thayer,
William Neves e Ezequiel Urbano
diretor artístico e regente Kayami Satomi



Juliano Valle

Juliano Valle *Côncavo* **
flauta Maria Carolina Cavalcanti, *clarineta* Maurício Silva,
violino Ayran Nicodemo, *violoncelo* Luciano Correa,
pandeiro Rafaela Calvet



André Martins

André Martins *Paisagens: Japão* **
flauta Rubem Schuenck,
violinos Inah Kurrels Pena e Tais Soares,
viola Ana Luíza Lopes, *violoncelo* Marzia Miglietta,
percussões Rafaela Calvet e Edmere Sales Ferreira



José Orlando Alves



Silvio Ferraz



Paulo César Santana

II

José Orlando Alves *Introspecções II* *
violoncelo Hugo Pilger, *piano* Lucia Barrenechea

GNU

Silvio Ferraz *Segundo responsório* *
violoncelo solo Luciano Correa
flauta Maria Carolina Cavalcanti,
clarineta Maurício Silva, *piano* Pablo Panaro

Paulo Cesar Santana *Opaxorô* **
flauta Maria Carolina Cavalcanti,
clarineta Maurício Silva, *violino* Ayran Nicodemo,
violoncelo Luciano Correa, *piano* Antonio Ziviani



Caio Senna

Caio Senna *Cidades visíveis* *
flauta Maria Carolina Cavalcanti, *clarineta* Maurício Silva
violino Ayran Nicodemo, *violoncelo* Luciano Correa,
piano Antonio Ziviani, *vibrafone* Rafaela Calvet



Tadeu Taffarello

Tadeu Taffarello *O despertar de Lázaro* **
soprano Diana Maron,
clarineta e sax Maurício Silva, *violão* Gabriel Lucena,
violino Ayran Nicodemo, *violoncelo* Luciano Correa,
trombone João Luis Areias, *trompa* Alessandro Jeremias,
piano Pablo Panaro,
regente Marcos Lucas

diretor artístico do GNU Marcos Lucas

obras em estreia mundial:

* encomendadas pela Funarte em 2012

** vencedoras do Prêmio Funarte de Composição Clássica 2012

Rubens Tubenchlak (Rio Branco/AC, 14/5/1968) teve os primeiros contatos musicais ouvindo seu pai ao violão e ao piano. Interessado tanto na música erudita como na popular, buscou uma formação múltipla, sem se ater a nenhum estilo. Aos 25 anos, ingressou nos bacharelados de violão da Unirio e de guitarra-jazz da Universidade Estácio de Sá, e optou por traçar um caminho independente, dedicado à composição. Compôs a trilha para o filme *Arte, cultura e sensibilidade* (2012), o musical infantil *A deusa, o herói, o centauro e a justa medida* e a ópera popular *Lilith e o sonho de Laio*.

Os *Cantos de Maldoror* partem da obra literária *Les chants de Maldoror*, marco do movimento surrealista, de Isidore Ducasse, escritor maldito, uruguaio, mais conhecido como Conde de Lautréamont. A peça baseia-se em sua prosa poética e gira em torno de assuntos como o oceano, a tempestade, o hermafrodita, o assassinato e a prostituição. Mediante uma técnica contrapontística livre e de grande variação rítmica, o quarteto de cordas alterna momentos de vigor e lirismo, impondo uma atmosfera inquietante. A intenção é transportar o ouvinte para um ambiente onde a convivência entre a natureza e o homem, o humano e o divino, a liberdade e a justiça ou, simplesmente, o bem e o mal, se dá num constante conflito, buscando traduzir a inquietação tão presente na vida e obra de Ducasse, cuja morte misteriosa se deu aos 24 anos, em Paris.

Gilson Beck (Gilson Jappe Beck, Cruz Alta/RS, 13/12/1982) Gilson Beck (Gilson Jappe Beck, Cruz Alta/RS, 13/12/1982) estudou composição na Unicamp, na Universidade de Évora e teve aulas com Almeida Prado. Pesquisa a relação da psicanálise com a música, em parceria com a Antena do Campo Freudiano (Lisboa). Sustenta e desenvolve um pensamento composicional e estético nomeado «Música Borromeana» que se apoia na psicanálise de orientação lacaniana e no Nó Borromeano. É artista residente da CaKacri – Casa de Criação e Invenção (cakacri.blogspot.com), é associado ao projeto Arena da Cultura e colaborador fixo do blogue Caneta, Lente e Pincel (canetalentepincel.blogspot.com).

Exsanguie II, segunda peça do ciclo *Exsanguie*, aborda o luto e a ruína de quem perde alguém com laços de sangue. O título vem da língua francesa e corresponde à palavra portuguesa «exangue» que nomeia aquilo que tem pouco sangue, que perdeu muito sangue ou está em ruínas. A obra está estruturada num *cantus firmus* cujas notas são articuladas em ataques fortes que se metamorfoseiam em texturas, rugosidades, massas sonoras e ruídos. Esses objetos sonoros são conduzidos pela transformação do que pode ser chamado de «energia sonora». Os intervalos do *cantus firmus* são transformados em um conjunto numérico que serve à estruturação, sustentando durações, ritmos, tamanhos de seções, quantidade de motivos, texturas, tessituras e outros elementos. Assim, a peça ata-se como um Nó Borromeano: a alteração de um dos parâmetros desfaz a estruturação.

Juliano Valle (Juliano Santana Serravalle, Alagoinhas/BA, 20/1/1987), graduando do curso de composição e regência da UFBA, é habilitado em composição, orientado por Paulo Costa Lima e Agnaldo Ribeiro. Participou de *masterclasses* com Jon Appleton, Antonio Borges Cunha, Paulo Chagas, Ernst Helmuth Flammer e Felipe Lara. Foi bolsista do CNPq e da Fapesb, quando realizou pesquisas sobre o ensino de composição na Bahia. Sua peça *Demônios Tristes* foi selecionada para a XIX Bienal de Música Brasileira Contemporânea. Assinou a releitura da composição do documentário *Nanook of the North*, apresentada no I Festival de Documentários de Cachoeira/BA.

Côncavo é uma obra que apresenta, como principal alicerce, alusões à música e às expressões comportamentais no samba de roda do recôncavo baiano. Ela busca garantir que o ambiente sonoro e a atmosfera singular das rodas de samba não sejam ultrajados, mas amplificados. A incessante tentativa de concatenação de todo o sistema criado para expor um enlace narrativo demandou a definição de procedimentos específicos, que não será interrompida com a conclusão da obra.

André Martins (André da Silva Martins, Nova Friburgo/RJ, 12/8/1976) integrou a centenária Banda Sinfônica Campesina Friburguense como clarinetista, quando recebeu noções de composição de José Cândido da Costa, e de clarineta com José Carlos de Castro. Ingressou na Banda Sinfônica do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro e cursou o bacharelado em composição na UFRJ, tendo como principais professores Marcos Vinício Nogueira, Roberto Macedo Ribeiro e Rodolfo Caesar. Participou da XVIII Bienal Brasileira de Música Contemporânea e do XXV Panorama da Música Brasileira Atual.

Paisagens: Japão, inspirada em um imaginário oriental, emprega diversas técnicas em seu único movimento, como o uso de vetores intervalares no tratamento harmônico e de estruturas minimalistas. A obra é fruto de pesquisas sobre a música tradicional japonesa e seus instrumentos característicos, com efeitos que remetem à sonoridade produzida por alguns deles, e com a inclusão, na orquestração, de um dos tambores genericamente designados como *taiko*.

J. Orlando Alves (José Orlando Alves, Lavras/MG, 13/3/1970) é bacharel e mestre em composição musical pela UFRJ, doutor em música pela Unicamp (2005), e professor adjunto de composição musical da UFPb. Integra o grupo Prelúdio 21 e participou de diversos Panoramas e Bienais de Música Brasileira Contemporânea. Foi premiado no Primeiro Concurso Funarte de Composição (2001) e no VII Concurso Nacional de Composição Musical do Ibeu; recebeu Menção Honrosa no Concurso Nacional de Composição Camargo Guarnieri; recebeu a

Bolsa Funarte de Estímulo à Criação Artística para composição de cinco peças sinfônicas. Publicou artigos nas revistas *Claves* e *Hodie*, e participa de congressos e de colóquios.

A série de peças que recebe o título de *Introspecções* está baseada nas alternâncias súbitas de andamentos – mudanças do rápido para o lento e vice-versa. Os materiais temáticos também são contrastantes e construídos a partir dos intervalos de trítomo e de semitono, presentes em grande parte das obras do compositor. Após uma breve introdução, são introduzidos pequenos motivos relacionados aos andamentos rápidos, desenvolvidos no decorrer da peça. O caráter lento e introspectivo retorna, de forma obsessiva, como “duas faces da mesma moeda”, contrastando com o andamento rápido.

Silvio Ferraz (São Paulo/SP, 25/10/1959) leciona composição na Unicamp desde 2002 e ingressou recentemente como professor na USP. Idealizador e fundador do grupo Camerata Aberta, é autor dos livros *Música e Repetição* e *Livro das Sonoridades*; escrever sobre composição e compor são duas paixões que dialogam em sua trajetória. Tem obras apresentadas em festivais nacionais desde 1985. No Festival Internacional de Inverno de Campos do Jordão, foi diretor pedagógico em 2009, e diretor artístico em 2010. No mestrado, estudou cantos de pássaros; no doutorado, a música e a repetição; na livre docência, o tempo musical.

Enquanto escrevia o *Segundo Responsório*, o compositor recebeu a notícia de falecimento do Dércio Marques, cantor daqueles que se diz ter voz inata, e que explorava de tudo em suas invenções musicais. Durante um dos festivais de inverno de Ouro Preto, Dércio criou, para uma aula de Smetak, seu *Concerto de arames e pássaros*. Como o vento, Dércio sempre passava rápido ou devagar, mas nunca parava. Esse *Responsório* procura manter esta imagem do amigo e foi, primeiramente, intitulado *Responsório de Vento*. A peça é como um vento sem rumo, passando pelas cordas do violoncelo e do piano e ressoando na noite dos sopros. Pode-se dizer que ela é um concerto de câmara para violoncelo, sem nenhuma relação direta que cite Dércio e sua música, mas em um constante diálogo com ele.

Paulo César Santana (Paulo César Santana e Silva, Salvador/BA, 13/4/1976), graduando em composição e regência pela UFBA, teve como mestres Paulo Costa Lima, Agnaldo Ribeiro e Wellington Gomes. Participou de *masterclasses* com Jon Appleton, Antonio Borges Cunha, Paulo C. Chagas, Ernst Helmuth Flammer e Felipe Lara. Como bolsista do CNPq, realizou a pesquisa intitulada “Estudo sobre ‘modos de compor’ dos estudantes do curso de Composição da Escola de Música da UFBA”, orientado por Paulo Costa Lima.

Opaxorô baseia-se em mitologia sobre a criação do mundo, segundo a tradição africana dos orixás, onde Oxalá, irritado com outra entidade, lança seu cajado (o opaxorô) e separa os espaços dos deuses e dos homens. A peça, construída a partir de elementos tradicionais, utiliza fragmentos e mutações de um padrão rítmico do universo afro-baiano, o Alujá de Xangô. Ela procura criar planos fortemente dinâmicos que, ao mesmo tempo, passem para o ouvinte uma sensação de estaticidade. Esses elementos antagônicos simbolizam a natureza dos orixás, deuses de comportamentos humanos.

Caio Senna (Caio Nelson de Senna Neto, São Paulo/SP, 11/10/1959) ganhou, do Prêmio Icatú de Artes, uma bolsa de residência artística de um ano na Cité Internationale des Arts, em Paris, de agosto de 2011 a julho de 2012. Durante esse período, compôs 17 peças, parte das quais apresentada em dois concertos no Auditorium dessa instituição. Integra o grupo de compositores Prelúdio 21; há cinco anos, é um dos produtores da série “Prelúdio 21 – Compositores do Presente”, no Centro Cultural Justiça Federal, Rio de Janeiro. O último CD desse grupo foi indicado para o Grammy 2012 na categoria melhor CD de música clássica.

Cidades visíveis foi composta durante o período de residência em Paris. Seu material sonoro, especificamente as alturas, foi compilado do *Harmony Book*, de Elliott Carter, e a forma, inspirada no livro *Cidades invisíveis*, do escritor italo-cubano Italo Calvino.

Tadeu Taffarello (Tadeu Moraes Taffarello, Jundiaí/SP, 20/10/1978) é compositor, pesquisador de música e professor na Universidade Estadual de Londrina/PR. Sua formação superior em música foi na Unicamp: graduação em composição, mestrado e doutorado em análise musical. Busca pesquisar possíveis pontes entre essas duas subáreas, e coordena o grupo de pesquisa “A análise como suporte para a composição musical”. Tem como principais inspiradoras as obras de Olivier Messiaen, Luciano Berio, Almeida Prado, Silvio Ferraz e outros mais.

O despertar de Lázaro tem seu ponto de partida no capítulo 11 do Evangelho de João. Nas três partes da peça, os textos da solista são: a) o recado de Marta e Maria a Jesus e a delonga de Jesus em Jerusalém; b) as falas de Marta; c) as falas de Maria. As falas das pessoas do povo são pronunciadas, pelos instrumentistas, próximo ao final. Os textos atribuídos a Jesus ou a seus apóstolos são sonoramente contextualizados, e não falados. A partitura indica outros trechos do Evangelho extraídos do mesmo capítulo, que não são pronunciados mas indicam o caráter da interpretação. De uma maneira geral, a peça tem o caminhar sonoro de algo bem escuro para algo de um brilho intenso, assim como o destino de Lázaro, da gruta para a Luz do Mundo.



XX BIENAL DE MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

SALÃO LEOPOLDO MIGUEZ

Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro

1 de outubro de 2013 – terça-feira, 19h



Roseane Yampolschi

Roseane Yampolschi *Dissonâncias* **
piano Ana Claudia de Assis



Fernando Koza

Fernando Koza *Sendas* **
violão Marcia Taborda

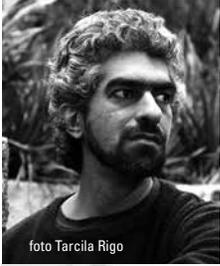
Edino Krieger *Estudos intervalares* *
I – *Das quintas*; II – *Das sextas*;
III – *Das sétimas*; IV – *Das oitavas*
piano Flavio Augusto

Martin Herraiz *Trio para quatro* **
flauta Maria Carolina Cavalcanti, oboé Francisco
Gonçalves, clarineta Paulo Passos,
regente Sammy Fuks



Edino Krieger

João Guilherme Ripper *Lux aeterna* *
mezzo Carolina Faria, oboé Victor Astorga
Quarteto Radamés Gnattali:
violinos Carla Rincon e Andreia Carizzi,
viola Fernando Thebaldi, violoncelo Hugo Pilger



Martin Herraiz

Daniel Vargas *O Catraz I – Engenhoca para dois violões* **
violões Daniel Vargas e Eric Moreira

Lucas Duarte *4 Movimentos para violino solo* **
violino Daniel Guedes

Luiz Gonçalves *Requiem* **
soprano Michele Ramos, piano Luciana Fantini
Madrugal Contemporâneo



João Guilherme Ripper

Ernani Aguiar *Três sonetos* (texto: Gregório de Matos) *
I – *Estudante*; II – *Santo entrudo*; III – *Neste mundo*
Madrugal Contemporâneo

Madrugal Contemporâneo

sopranos Michele Ramos, Indhyra Barboza e Ana Claudia Reis
contraltos Paula Moraes, Carol Carvalho e Lily Driaze
tenores Rafael Bezerra, Fábio de Sá e Cadu Barcelos
baixos Lucio Zandonadi, Antônio Cerdeira e João Pedro Azeredo
regente Danielly Souza



Daniel Vargas



Lucas Duarte



Luiz Gonçalves



Ernani Aguiar

obras em estreia mundial:

* encomendadas pela Funarte em 2012

** vencedoras do Prêmio Funarte de Composição Clássica 2012

Roseane Yampolschi (Rio de Janeiro/RJ, 18/7/1956), graduada em música na UFRJ e em filosofia na UFMG, obteve o mestrado na Eastern Illinois University e o doutorado na University of Illinois at Urbana, tendo recebido bolsas dessas universidades e do CNPq. É professora de música da UFPR e membro do corpo editorial da revista *Música em Perspectiva*, que ajudou a criar. Tem prêmios em festivais nos EUA, na Romênia e na Noruega. Seu repertório abarca das várias modalidades instrumentais, orquestrais e corais à eletropoesiaacústica e à instalação sonora, com obras apresentadas no Brasil, Estados Unidos, Noruega, México, Itália e Espanha.

Dissonâncias aponta para um conjunto de eventos que tornam presente o contexto estético da forma. Foram experimentadas idéias contrastantes, por meio do uso do timbre, de articulações variadas, de maneiras distintas de organização do som no tempo/espaço. O som foi explorado de modo mais convencional, pulsado, ou menos ordenado, em especial, por meio de dinâmicas gestuais enfatizando seu movimento e direcionalidade. Não houve um desenvolvimento claramente definido a partir de idéias musicais preconcebidas, nem uma organização de estruturas musicais previamente arranjadas, mais ou menos fixas.

Fernando Kozu (Fernando Hiroki Kozu, Londrina/PR, 6/8/1974) fez cursos esporádicos com Koellreutter, Mário Loureiro, Chico Mello, João Guilherme Ripper, Ricardo Tacuchian, Sílvio Ferraz e Ricardo Mandolini. É graduado em música pela Universidade Estadual de Londrina, especialista em História e Filosofia da Ciência e mestre em Comunicação e Semiótica, com dissertação sobre a complexidade do pensamento composicional de Brian Ferneyhough. Professor assistente do curso de música da UEL, atua em especial na área de Linguagem e Estruturação Musical. Em 2011, foi finalista no concurso da I Bienal Música Hoje (Curitiba/PR), com obra para orquestra sinfônica.

Sendas (2009-2011) está dividida em duas “fases”. Pequenas sendas vão surgindo, na maior simplicidade, a partir de uma nota pulsante, e se tornam mais e mais relevantes, formando uma cascata de blocos de acordes. A segunda parte traz uma exploração de timbres, algumas técnicas estendidas e maior complexidade. Novas sendas vão se sobrepondo com novas sonoridades, até que um ruído de voz passa a integrar esse novo universo de sons. A obra é fruto de uma busca mais existencial, e procura estabelecer um amálgama entre universos distintos: a memória e o esquecimento, o simples e o complexo.

Edino Krieger (Brusque/SC, 17/3/1928) estudou violino com seu pai e composição com Koellreutter, Aaron Copland, Peter Mennin, Lennox Berkeley e Ernst Krenek. Exerceu diversos cargos de direção em instituições públicas e privadas. Organizou e dirigiu os Festivais de Música da Guanabara, em 1969 e 1970, dos quais se originaram as Bienais de Música Brasileira Contemporânea, em 1975.

Os **Estudos intervalares** foram iniciados, em 2002, com os três primeiros, e completados para a presente Bienal, em 2012. Como os anteriores, são cadências livres, de caráter virtuosístico, com predominância dos intervalos de 5as., 6as, 7as, e 8as, numa linguagem também livre, com a presença eventual de ritmos brasileiros ou de citações de motivos melódicos conhecidos sobre determinado intervalo.

Martin Herraiz (São Paulo/SP, 28/5/1980) nunca teve uma aula de composição, tem repulsa a “escolas estéticas”, baixa tolerância à repetição e escreve música baseada em noções ultrapassadas como ritmo e melodia. É bacharel em design, mestre em musicologia e jubilado em composição e regência pela Unesp. Escreveu a dissertação *O Estranho Perfeito: a música orquestral de Frank Zappa*, trabalho pioneiro no meio acadêmico brasileiro, que a Fapesp julgou de “baixa relevância artística”. Considera-se um otimista artístico e um pessimista social: acredita que a arte continuará valendo a pena por mais que ninguém dê a mínima para isso.

Seu **Trio para quatro** está estruturado em dois movimentos contrastantes mas complementares. No primeiro, nota-se uma preocupação com a interação entre as características expressivas de cada instrumento, agenciada segundo estruturas compactas e precisas. O segundo busca neutralizar essas individualidades para trazer à tona a expressividade do trio como um organismo único, uma espécie de hiperinstrumento. A ação é coordenada pela insólita figura do regente *obligato*, cuja presença desconfortável protagoniza o psicodrama subliminar sugerido pelo título.

João Guilherme Ripper (Rio de Janeiro, 20/8/1959) atuou como compositor em residência no 39º Festival Internacional de Campos do Jordão, em 2008, e na Kean University, em 2011-2012. Colabora com as principais orquestras e grupos de câmara brasileiros. Escreveu *Desenredo*, para a OSESP, em 2008, e *Cinco poemas de Vinicius de Moraes*, estreada em maio deste ano. Em abril, a Orquestra Sinfônica Brasileira apresentou, em primeira audição, o *Concertante para piano e orquestra*. Dedicada especial atenção à ópera: *Domitila* (2000) foi premiada pela Associação Paulista dos Críticos de Arte; *Piedade*, encomendada pela Orquestra Petrobras Sinfônica, foi encenada em abril de 2012, ano em que *Anjo negro* foi apresentada com a Orquestra Sinfônica Brasileira Ópera & Repertório. É membro

da Academia Brasileira de Música, diretor da Sala Cecília Meireles e professor licenciado da Escola de Música da UFRJ, que dirigiu entre 1999 e 2003,

Lux aeterna (*Luz eterna*) é um ciclo de cinco canções escritas sobre textos latinos da *Missa de Requiem* e sobre poemas chineses e japoneses que abordam o tema da fragilidade e brevidade da vida. A obra é dedicada a João Cândido e Maria Portinari, e a Maria Cândida Portinari, *in memoriam*.

Daniel Vargas (Daniel Vargas Coelho, 3/4/1985), violonista e compositor, estudou com Clécio Eduardo e Fábio Adour e é aluno da Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Com o compositor Arthur Kampela, apresentou-se no Festival Internacional de Violão de Belo Horizonte, em 2010. Foi bolsista da Fundação Araucária, desenvolvendo um trabalho com técnicas estendidas e ritmos complexos. Publicou o artigo “A complexidade rítmica no Estudo Percussivo nº 2, de Arthur Kampela”, na revista acadêmica *Pemusci*. Em 2012, participou do 1º Simpósio Internacional de Música Nova em Curitiba.

O Catraz I – Engenhoca para dois violões, baseada no conto “O recado do morro”, de Guimarães Rosa, lembra o lunático personagem Catraz, uma espécie de cientista do sertão que inventava engenhocas. Sua maior criação foi uma espécie de avião, o Carroço: “Era para ele se sentar nesse, na boléia: carecia de pegar duas dúzias de urubus, prendia as juntas deles adiante; então, levantava um pedaço de carniça, na ponta numa vara desgraçada de comprida: os urubus voavam sempre atrás, em tal guisa, o trem subia viajando no ar...” A ideia central da peça é a transformação gradual do violão, do ponto de vista do timbre. Esse aspecto é levado até o momento em que o instrumento se torna irreconhecível, para finalizar voltando a seu timbre “natural”.

Lucas Duarte (Lucas Duarte Neves, Sabará/MG, 24/1/1990), iniciou os estudos musicais, em 2003, na Sociedade Musical Santa Cecília de Sabará, onde é professor voluntário de violino e assegura a coordenação técnica da orquestra. Cursa o bacharelado em composição na UFMG, onde recebe aulas de composição dos professores Sérgio Freire, Gilberto Carvalho e de seu atual orientador, Oílaim Lanna. Compõe, atualmente, uma peça baseada no *Poema da Beça*, de Manuel Bandeira, utilizando conjuntos de alturas com grande liberdade de organização e tendo as obras de Ligeti, Dallapiccola e Varèse como referências sonoras.

Os **4 movimentos para violino solo**, organizados por conjuntos de altura e em série dodecafônica, resultam de trabalho orientado pelo professor Sérgio Freire na UFMG. A linguagem utilizada é tributária de estudos orientados, em especial, por Gilberto Carvalho, e serve-se de processos de organização que geram maior liberdade harmônica. Os movimentos têm caráter diferenciado, assim como os conjuntos de alturas; o último está organizado por série dodecafônica e funciona como uma síntese dos conjuntos antes utilizados. Recursos de técnica expandida trazem um caráter virtuoso para a peça, que denota influências de Stravinsky, Bartók, Hindemith, Berio, Schoenberg e Webern.

Luiz Gonçalves (Luiz Eduardo Gonçalves, Goiânia/GO, 8/5/1986) estudou flauta e saxofone até entrar para o bacharelado em composição na Universidade de Brasília onde estudou, de 2005 a 2010, com Conrado Silva e Jorge Antunes. Participou dos Encontros dos Compositores Universitários em 2010 e 2011 com as obras *Espiral Menor* e *A sombra do amado*, neles estreadas. Transferiu seu curso de graduação para a Universidade Federal de Goiás em 2011, para continuar estudos de composição com Paulo Guicheney. Foi premiado no Bamdialogue Second Brazilian Composers’ competition com a obra *Passarim*, para conjunto, estreada no teatro Concertgebouw, Amsterdã, em outubro de 2011.

O **Requiem** nasceu de uma ideia de poliestilismo, onde o compositor, profundamente influenciado por Alfred Schnittke, procurou explorar texturas diferentes – polifônica, homofônica, heterofônica – em cada movimento. A obra está dividida em quatro partes: *Introitus*, de textura homofônica alternando acordes e *clusters*; *Kyrie*, minimal, estruturado por repetições e defasagens; *Confutatis*; *Lacrimosa*, ao estilo imitativo renascentista; e *Lux aeterna*.

Ernani Aguiar (Ernani Henrique Chaves Aguiar, Ouro Preto/MG, 30/8/1950) atua intensamente no Brasil, como compositor, regente, professor e pesquisador. Enquanto criador, rejeita todos os “ismos” que aconteceram na música do século XX, e compõe pensando, unicamente, em agradar a quem ouve e a quem interpreta. É professor de regência orquestral na Escola de Música da UFRJ, ministra cursos dessa disciplina no país e no exterior e estreou mais de uma centena de obras orquestrais brasileiras. Dedicou-se à pesquisa e à divulgação da música brasileira do Período Colonial. Destacam-se, entre suas composições, a ópera e a cantata *O menino maluquinho*, sobre textos de Ziraldo, o oratório *Cantos sacros* para orixás, os *Quatro Momentos nº 3* e o *Psalmus CL* para coro. No corrente ano, recebeu, pela segunda vez, o Prêmio “Açorianos”, em Porto Alegre, pela gravação em CD dos *Responsórios fúnebres*, de José Maurício. É titular da Academia Brasileira de Música.

A composição dos **Três sonetos**, sobre poemas de Gregório de Matos, decorre da identificação que o compositor experimenta com a obra e a personalidade desse poeta e de outros que com ele guardam alguma relação, como Bocage, Boccaccio e Aretino.



XX BIENAL DE MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

SALÃO LEOPOLDO MIGUEZ

Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro

2 de outubro de 2013 – quarta-feira, 19h



Tato Taborda



Murillo Santos



Helder Oliveira



Eli-Eri Moura



Daniel Ferraz



Alfredo Barros



José Augusto Mannis



Raul do Valle



Tim Rescala



Alexandre Schubert

I

Tato Taborda *Uma figura sobre um fundo* *
piano preparado e rádio Tatiana Dumas

Murillo Santos *Lúdica II* *

Helder Oliveira *Devaneio* **

Eli-Eri Moura *Circumfractus* *

Quarteto Camargo Guarnieri:
violinos Elisa Fukuda e Ricardo Takahashi,
viola Silvio Catto, *violoncelo* Joel de Souza

Daniel Ferraz *Raw* **
flauta Rubem Schuenck, *piano* Josiane Kevorkian

II

Alfredo Barros *Brevíssimo inventário* *
clarineta Marcos Passos, *violão* Maria Haro

José Augusto Mannis *Estudo para MD* *
violão Daniel Murray

Raul do Valle *Ipês* *
I – *Ipê rosa*; II – *Ipê branco*; III – *Ipê amarelo*
flautas e flautins Andréa Ernest Dias, David Ganc,
Elizabeth Ernest Dias, Sammy Fuks

Tim Rescala *Desdobrado* *
Art Metal Quinteto:
trompa Antônio Augusto, *trompetes* Wellington Moura
e Jessé Sadoc, *trombone* João Luiz Areias,
tuba Eliezer Rodrigues

Alexandre Schubert *Sinfonias* *
I – *Entrada*; II – *Primeiro interlúdio*; III – *Meditação*;
IV – *Segundo interlúdio*; V – *Final*
órgão Alexandre Rachid,
trompa Philip Doyle,
trombone Everson Moraes,
trombone baixo Leandro Dantas,
Art Metal Quinteto:
trompa Antônio Augusto, *trompetes* Wellington Moura
e Jessé Sadoc, *trombone* João Luiz Areias,
tuba Eliezer Rodrigues
regente Marcelo Jardim

obras em estreia mundial:

* encomendadas pela Funarte em 2012

** vencedoras do Prêmio Funarte de Composição Clássica 2012

Tato Taborda (Curitiba/PR, 11/1/1960) é compositor, pianista e professor e curador de ações artísticas dedicadas à experimentação sonora. Estudou com Esther Scliar, H. J. Koellreutter e nos Cursos Latino-Americanos de Música Contemporânea. Tem obras encomendadas por entidades como Pró-Música Nova Bremen, Donaueschinger Musiktage e Bienal de Munique. Compôs para mais de 40 espetáculos de teatro e dança; recebeu o Troféu Mambembe, o Prêmio Coca-Cola, e por duas vezes o Premio Klaus Vianna. A partir de 1992, iniciou a construção do multi-instrumento "Geralda", orquestra eletro-acústica com mais de 70 fontes sonoras. Em parceria com a bailarina Maria Alice Poppe, desenvolve o projeto Pensamentos Cruzados, que investiga relações entre música e movimento. É professor visitante da Universität der Kunst, em Berlim, e professor do Curso de Artes e da pós-graduação em Estudos Contemporâneos das Artes, na UFF.

Figura sobre um fundo homenageia a intensa colaboração entre o compositor John Cage e o coreógrafo Merce Cunningham. Escrita para piano preparado e bailarina, a obra será apresentada na versão para piano solo. Um piano no esqueleto, vísceras à mostra, atravessado por parafusos, garfos e lanças variadas, que perfumam seu *pathos* romântico e abrem-lhe fendas, por onde escorre uma seiva rouco-viscosa, vibrátil, cintilante e ruidosa. Da ressonância desse caldo espesso irradia – com a ajuda de um artefato de altíssima tecnologia – a voz do mundo num radinho de pilha.

Murillo Santos (Murillo Tertuliano dos Santos, Rio de Janeiro/RJ, 30/3/1931) iniciou os estudos de piano no Conservatório Brasileiro de Música com Liddy Mignone, continuados em pós-graduação com Arnaldo Estrella, na Escola de Música da UFRJ, onde se diplomou em composição e regência com José Siqueira e Henrique Morelenbaum, e foi professor adjunto de composição. Também estudou com Esther Scliar, Paulo Silva e Guerra-Peixe. Foi instrumentista da Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e desenvolveu intensa atividade como camerista. Sua produção musical inclui peças para solistas, canto e piano, coros, música de câmara e sinfônica, além de uma ópera.

Lúdica II, composta na forma ABA'B', traz um jogo melódico, harmônico e rítmico, com as consequentes tensões e relaxamentos.

Helder Oliveira (Helder Alves de Oliveira, Campina Grande/PB, 25/10/1987), é licenciado em música e técnico em piano pela UFRN, onde estudou análise musical, foi professor substituto de Análise e Percepção Musical e educador musical. Aperfeiçoou-se em composição com Manoel Nascimento, em Natal. Cursa o mestrado em composição na UFPB, orientado por Liduino Pitombeira, e tem artigos associados à sua pesquisa sobre a relação entre a música e a *Gestalt*, publicados em anais de congressos nacionais.

Devaneio foi construída a partir de manipulações intertextuais combinadas à filtragem de alturas, através de conjuntos de classes de notas específicas. As mudanças de caráter, que representam alterações de foco de pensamento, se associam à atmosfera de delírio e sonho.

Eli-Eri Moura (Eli-Eri Luiz de Moura, Campina Grande/PB, 30/3/1963), doutor em composição pela McGill University, Canadá, é professor do Departamento de Música da UFPB, onde fundou o Laboratório de Composição Musical e liderou a implantação da área de composição nos níveis de extensão, graduação e pós-graduação. Compôs um grande número de trilhas sonoras para teatro, cinema e vídeo, e foi premiado em vários festivais. Lançou quatro CDs autorais: *Trilhas*, *Réquiem Contestado*, *Música de Câmara* e *Música Instrumental*, o último patrocinado pelo Programa Petrobras Cultural.

Circumfractus é um estudo de recortes temporais envolvendo, de forma caleidoscópica, fragmentações, continuidades, transformações e elaborações de pequenos materiais e elementos extraídos de peças anteriores do compositor e de manifestações musicais típicas do Nordeste brasileiro.

Daniel Ferraz (Daniel Rocha Ferraz Ribeiro, Vitória da Conquista/BA, 3/11/1989) cursa o bacharelado em composição e regência na Universidade Federal da Bahia, orientado por Paulo Costa Lima, Wellington Gomes e Agnaldo Ribeiro. Participou de masterclasses e de cursos com Jon Appleton, Felipe Lara, João Pedro Oliveira, Antônio Borges-Cunha, Helmuth Flammer, Jaime Reis e Paul C. Chagas. Como bolsista, integrou projetos voltados para o ensino da composição musical na Bahia e sobre difusão de música de concerto contemporânea baiana.

RAW é um duo para flauta e piano inspirado em concepções estruturais de uma escala octatônica tradicional, a partir de seus elementos mais básicos até sua disposição completa, em movimentos de aproximação e afastamento de uma sonoridade alvo, como se a buscasse em suas origens ou demonstrasse aos poucos sua forma integral. A peça comporta-se de forma orgânica, tendo ênfase em seus movimentos gestuais como respirações em diferentes proporções.

Alfredo Barros (Teresinha/PE, 11/4/1966) é doutor em composição pela Universidade do Texas, em Austin/EUA. Rege a orquestra sinfônica da Universidade Estadual do Ceará, onde leciona matérias teóricas e composição no Curso de Música que coordena. Compôs obras para vários conjuntos e música eletroacústica, além de trabalhos para dança e vídeo. Obteve 1º e 2º lugares, respectivamente, na XIX e na XX Apresentação de Compositores da Bahia; recebeu o 1º lugar no II Concurso Psychopharmacol de Obras Corais e 2º lugar no Concurso Tinta Fresca, da Orquestra Filarmônica de Minas Gerais. Sua monografia sobre o compositor Lindemberg Cardoso mereceu o 2º lugar em concurso promovido pela Academia Brasileira de Música.

Brevíssimo inventário caracteriza-se pela fragmentação de ideias motivicas, que se desenvolvem de um modo no qual os dois protagonistas têm a mesma importância. Entre distante e próximo, o diálogo entre eles reflete, em parte, a desconectividade do viver contemporâneo, mas o tecido desenvolvido é contínuo e organizado. A obra homenageia um irmão falecido.

José Augusto Mannis (São Paulo/SP, 23/6/1958) é compositor, *performer* eletroacústico, *sound designer*, professor universitário, pesquisador. Suas composições vão da música instrumental à eletroacústica, às trilhas sonoras, criações radiofônicas e instalações multimeios. Estudou na Faculdade de Engenharia Industrial em São Bernardo do Campo (SP), no Instituto de Artes da Unesp e no Conservatório Nacional Superior de Música de Paris; fez mestrado na Universidade de Paris VIII e doutorado na Unicamp, onde ensina composição, contraponto, áudio e acústica. Desenvolve pesquisas no campo da música, acústica, engenharia de áudio e ciência e tecnologia aplicadas à música, à catalogação de documentos musicais e à acústica de salas. É membro da Academia Campineira de Música, da Sociedade Brasileira de Engenharia de Áudio AES-Brasil, da Sociedade Brasileira de Acústica, da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música e da Aliança Francesa de Campinas.

O **Estudo para MD** é dedicado ao violonista Daniel Murray que, durante o processo de composição, colaborou para a implementação de recursos de técnicas estendidas. A escritura está centrada em progressões rítmicas e arpejos. A condução musical é assumida, sobretudo, pela mão direita, alternando modos de tocar e variando dedilhados com a mão esquerda fixa. O intérprete e *performer* tem desafios de coordenação gestual e rítmica a enfrentar para obter uma continuidade natural no encadeamento e superposição das técnicas instrumentais. A virtuosidade de Daniel Murray e sua segurança de preparação técnica tornaram possíveis a escritura inovadora desta peça.

Raul do Valle (Leme/SP, 27/3/1936) é, segundo Aylton Escobar, "incansável investigador. Indiscreto. A música para Raul do Valle é um jogo. A beleza e a poesia encontram-se na sutil movimentação do som insuspeitável. Este é o vale do Raul."

Em **Ipês**, três movimentos curtos se encadeiam ao sabor da sedução sonora de timbres da flauta e do flautim, num jogo de trocas e transformações,

Tim Rescala (Luiz Augusto Rescala, Rio de Janeiro/RJ, 21/11/1961) estudou na Escola de Música da UFRJ e na Escola de Música Villa-Lobos. Aprofundou seus conhecimentos em composição, contraponto e arranjo com Koellreutter, e licenciou-se pela UNI-RIO, em 1983. Compositor e diretor musical de peças de teatro, recebeu os prêmios Mambembe, Shell, Coca-Cola e APTR. Faz música para cinema e trabalha para a TV Globo desde 1989. É autor de óperas, musicais, música de câmara e eletroacústica, e sua peça *Pianíssimo* foi o primeiro texto infantil apresentado na Comédie Française. Recebeu as bolsas Vitae e Rio-Arte e foi diretor da Sala Baden Powell. Desde 2011, escreve e apresenta o programa Blim-blem-blom na rádio MEC-FM. Seu *Quarteto Circular* foi indicado ao Grammy Latino de 2011. Em outubro de 2013, estreia em Buenos Aires a ópera *O perigo da arte*, com música e libreto de sua autoria, encomendada pelo Núcleo de Ópera Contemporânea.

Desdobrado é um dobrado às avessas. A partir de uma rápida exposição daquilo que seria um tema de um dobrado tradicional, é construída uma peça de concerto. Os elementos característicos do gênero são constantemente desfigurados, sobretudo rítmicamente, gerando universos sonoros diferentes, como se fossem imagens distorcidas por espelhos de formas inusitadas. Há um destaque para a tuba, cuja perseverança em sua função de sustentação do todo é notável.

Alexandre Schubert (Alexandre de Paula Schubert, Manhumirim/MG, 23/2/1970) é mestre e bacharel em composição pela UFRJ, onde leciona no Departamento de Composição. Autor de mais de 120 títulos, recebeu 13 prêmios de composição e tem obras executadas na Europa e nos Estados Unidos, onde algumas delas foram apresentadas na série Composer's Voice, em Nova Iorque. Seu *Réquiem* integrou a turnê "Sonora Brasil" (2011/12) e foi ouvido em Portugal nas comemorações do Ano do Brasil em Portugal; *De lumine* foi levada em Dresden por membros da Filarmônica dessa cidade. As *Antífonas Marianas* foram compostas para a turnê europeia dos Canarinhos de Petrópolis. Participou do III Festival Ibero-americano, em São Pestenburg, na Rússia, do festival World Music Day, na Suíça, da Copa Cultural, em Berlim. Sua ópera *Chagas*, em parceria com Silvio Barbato, foi apresentada no Palácio das Artes, em Belo Horizonte. Tem obras encomendadas e gravadas em diversos CDs, e é membro do grupo Prelúdio 21.

Sinfonias, referentes às *Sacrae Symphoniae*, de Gabrieli, exploram efeitos tímbricos e recursos polifônicos. Em alguns momentos, o órgão tem um papel solista; em outros, integra o discurso geral, ou dá voz aos metais. No primeiro movimento, *Entrada*, o compositor procurou criar gestos sonoros em que o diálogo dos instrumentos percorresse o espaço do palco. No *Primeiro interlúdio* o órgão tem papel solista, complementado pelos metais. A *Meditação* traz sonoridades sutis, e sua segunda parte desenvolve ampla melodia para o órgão, repetida nos metais. O *Segundo interlúdio*, destaca os trompetes em passagens virtuosísticas. E o *Final* apoteótico, com entradas sucessivas dos instrumentos, leva a uma melodia expressiva na trompa, repetida pelo órgão com contraponto nos metais. Um grande crescendo da dinâmica conduz a um clímax sonoro, com o retorno à ideia inicial.



XX BIENAL DE MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

SALÃO LEOPOLDO MIGUEZ

Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro

3 de outubro de 2013 – quinta-feira, 19h

SESSÃO DE CURTAS-METRAGENS SOBRE MÚSICA BRASILEIRA

apresentação Flavio Silva

Música Contemporânea no Brasil (1974)

direção Luiz Fernando Goulart, *fotografia e montagem* Luiz Carlos Saldanha e Nelio Melli;

roteiro Flavio Silva, *narração* Nelson Xavier

participações: Edino Krieger, Marlos Nobre, Ricardo Tacuchian, Jacques Morelenbaum, Conjunto Ars Contemporânea, Quarteto Brasil Camera4, violeiros Azulão e Medeiros, Grupo Avatar, Orquestra Sinfônica Nacional/Rádio MEC

Variações em torno de sons e de imagens:

Cinema mudo e compositores

Chico Bororó/Francisco Mignone faz música para *O babão*, de Luiz de Barros (1931)

Vital Ramos de Castro e o filme *Voyage au Brésil*, estreado em Paris em 1927; sonorização por Villa-Lobos

Cinephonies: curta-metragem francês de 1936, direção Dimitri Kirsanoff, canto por Ninon Vallin, música de Fauré

Villa-Lobos e o cinema: os "Momentos Musicais Para Todos" (1931); filmagens de danças típicas e do Sodade do Cordão

O Instituto Nacional do Cinema Educativo (1937) – gravações musicais no INCE

FILMES DIRIGIDOS POR HUMBERTO MAURO

O descobrimento do Brasil (trecho; 1937)

reconstituição do quadro "A primeira missa no Brasil", de Vitor Meireles

Argila (trechos; 1942)

Iberê Gomes Grosso interpreta Villa-Lobos; Anita Otero em coreografia do Sodade do Cordão

Leopoldo Miguez (1946)

fotografia Manoel Ribeiro, *montagem* Humberto Mauro, ano 1946

trechos da ópera *Saldunes* e de *Pelo Amor*, por Nair Duarte Nunes

Hino da Proclamação da República; Francisco Mignone rege *Prometeu*

obs.: contribuição do Brasil ao Festival Internacional do Filme, Cannes, 195

Alberto Nepomuceno (1950)

fotografia Manoel Ribeiro e José Almeida Mauro, *montagem* Humberto Mauro

obras interpretadas pela pianista Edith Bulhões e pelo soprano Ana Maria Fiuza

José Octaviano rege *Série brasileira*

Ponteio (1941)

fotografia Manoel Ribeiro, *montagem* Humberto Mauro

pianista Souza Lima e Orquestra Sinfônica Municipal do Rio de Janeiro interpretam o segundo movimento

do *Concerto n° 2 para piano e orquestra*, de Heckel Tavares, sob a direção do compositor

O Guarani (1942)

fotografia e montagem Manoel Ribeiro e Humberto Mauro

Santiago Guerra rege *Invocação dos Aimorés*, do terceiro ato da ópera. Elenco: Alexandre de Lucchi (cacique),

Reginaldo Calmon (Peri), Francisco Bruno (tenor), Alma Cunha de Miranda (Ceci)

A velha a fiar (1964)

fotografia José Almeida Mauro, *arranjos musicais* Alto Taranto, *intérprete* Trio Irakitã

A Funarte agradece a cessão dos direitos de exibição:

- dos filmes de curta metragem, autorizados pelo Centro Técnico Audiovisual;
- de fotos do álbum de recortes de periódicos de Arminda Villa-Lobos, autorizadas pelo Museu Villa-Lobos;
- de trechos de *Argila*, autorizados por Berenice Seabra de Souza Mendes, Murillo Gonçalves Seabra e Paula Seabra, herdeiros de Carmen Santos;

montagem e projeção das fotos e filmes: Centro Técnico Audiovisual

Programa extraordinário

Audição comentada de gravações de obras de Villa-Lobos, feitas em 1939 para a Feira Mundial de Nova York e, em 1940, por coros escolares do Rio de Janeiro, por Leopold Stokovslo e durante concertos no Museum of Modern Arte/Moma, de Nova York.

Local: Academia Brasileira de Música, Rua da Lapa 120, 12º andar, das 15h:30 às 17:30

apresentação Flavio Silva



Música Contemporânea no Brasil



O descobrimento do Brasil



Leopoldo Miguez



Edith Bulhões em *Alberto Nepomuceno*

Heckel Tavares e violeiro em *Ponteio*



Alma Cunha de Miranda em *O Guarani*

A velha a fiar



XX BIENAL DE MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

SALÃO LEOPOLDO MIGUEZ

Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro

4 de outubro de 2013 – sexta-feira, 19h

PERCUSSÕES E OUTROS INSTRUMENTOS



Denise Garcia

I
Denise Garcia *Tríplice andar* *
I – *Modais*; II – *Trêmolo*; III – *Rítmica*
Kontakte DUO:
vibrafone Nath Calan,
marimba Fernando Chaib



Bruno Angelo

Bruno Angelo *Breviário das narrativas absurdas* **
piano Katia Baloussier, *vibrafone* Leo Souza

Leonardo de Assis Nunes *À sombra de uma idéia* **
flauta Maria Carolina Cavalcanti,
violoncelo Luciano Correa,
trompa Philip Doyle, *piano* Katia Baloussier,
vibrafone Ana Leticia



Leonardo de Assis Nunes

Armando Lôbo *Pernambukalos* **
soprano Gabriela Geluda,
flauta Maria Carolina Cavalcanti, *clarineta* Paulo Passos,
violino Tomaz Soares, *violoncelo* Luciano Corrêa,
piano Tatiana Dumas, *vibrafone* Rafael Costa,
regente Luiz Gustavo Brinholi

Mauricio Dottori *Où sont les gracieux galants* **
flauta Maria Carolina Cavalcanti, *clarineta* Paulo Passos,
viola José Ricardo Taboada, *trompete* Nailson Simões
piano Katia Baloussier, *percussão* Daniel Serale



Armando Lôbo

II
Marcos Nogueira *Teorema do macaco infinito* *
órgão Alexandre Rachid, *percussão* Daniel Serale

Mauricio De Bonis *3 perguntas para flauta, trompa e percussão* **
flauta Andrea Ernst Dias, *trompa* Philip Doyle,
percussões Rodrigo Foti e Paraguassu Abrahão



Mauricio Dottori

Daniel Moreira *Fantasia para sax, trompete e percussão* **
sax alto Pedro Bittencourt, *trompete* Nailson Simões,
percussões Léo Souza e Rodrigo Foti

Eduardo Guimarães Álvares *Paisagens pelo telefone & outras estórias* *
(*in memoriam*)
I – *Entre Denges e Denezzy...* (*Paisagens rítmicas*);
II – *A vida tumulto-amorosa de Andrisdalva Perruchette*;
III – *Tetralogia Anamita*; IV – *O automobilista infundioso*
clarineta Paulo Passos, *violoncelo* Luciano Correa,
tuba Eliezer Rodrigues, *piano* Katia Baloussier,
percussão Daniel Serale



Marcos Nogueira



Mauricio De Bonis



Daniel Moreira



Eduardo Guimarães Álvares

coordenador Daniel Serale

obras em estreia mundial:

* encomendadas pela Funarte em 2012

** vencedoras do Prêmio Funarte de Composição Clássica 2012

Denise Garcia (São Paulo/SP, 15/12/1955) é professora de composição da Unicamp, onde dirige o Centro de Integração, Documentação e Difusão Cultural. Formou-se bacharel em composição pela Escola de Comunicações e Artes da USP. De 1979 a 1984, prosseguiu estudos na Alemanha. É mestre em artes pela Unicamp e doutora em comunicação e semiótica pelo Programa de Comunicação e Semiótica da PUC de São Paulo. Dedicou-se a pesquisas interdisciplinares de dança e teatro, como docente no Curso de Dança e pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais Lume, na Unicamp. Desenvolveu trabalhos que granjearam grande reconhecimento na área da música eletroacústica. Na última década, iniciou um trabalho composicional para conjuntos sinfônicos. É filiada à GEMA, Sociedade Mundial de Direitos Autorais, com sede na Alemanha. *Triplíce andar* representa um mergulho da compositora no universo da percussão. A composição traz um viés lúdico, traduzido nas combinações inusitadas de timbres e ritmos dos dois instrumentos. Trata-se de uma obra leve, acentuada, viva, que alterna e complementa o corpo de ressonância do vibrafone ao ataque mais seco da marimba. O primeiro movimento remete a um minimalismo revisto. Um mesmo motivo musical, que parece repetitivo, é transformado conforme os modos, chegando a Olivier Messiaen e ao universo cromático das sétimas e nonas maiores. No segundo movimento, a exploração dos dois instrumentos combina arpejos e trêmolos. Na última parte, a unidade da divisão do tempo passa de quatro para cinco, com o ritmo se quebrando nas quintinas.

Bruno Angelo (Bruno Milheira Angelo, Pelotas/RS, 16/7/1985) estudou piano em sua cidade natal e transferiu-se para Porto Alegre, onde começou o curso de composição, trabalha como compositor, pianista e pesquisador, e finaliza sua tese de doutorado, intitulada “Minha música sendo outra: narratividade como objeto composicional”. Nesse trabalho, o compositor pretende interpretações narrativas como experiências musicais para suas próprias criações, embora também tenha realizado alguns estudos com obras de outros compositores.

Breviário das narrativas absurdas é uma coleção de sete pequenas peças, nas quais a realidade musical se transforma de maneira constante, porém muito sutil. Por vezes essas transformações podem atingir níveis vertiginosos, mas geralmente mantêm-se tão somente sugestivas de um mundo inaudível, que existe por trás e além do som.

Leonardo de Assis Nunes (Porto Alegre/RS, 30/6/1980) aprendeu música com seu pai, para depois estudar piano com professores particulares e em escolas não formais. Em 1999, ingressou no curso de Composição Musical da UFRGS, estudando com os compositores Antônio Carlos Borges Cunha, Celso Loureiro Chaves e Fernando Matos. Como bolsista de iniciação científica, analisou canções do compositor gaúcho Armando Albuquerque, e também atuou, por essa mesma Universidade, como tutor presencial no curso de Licenciatura em Música EAD. Atualmente faz mestrado em Educação Musical pela UFBA, com pesquisa relacionada à sistematização e ampliação do processo composicional de microcanções CDG.

À sombra de uma ideia explora o universo melódico e harmônico de uma famosa canção de Tom Jobim e Vinícius de Moraes, e desafia o público a desvendar a melodia empregada. A composição inicia em contraponto de uníssonos, em uma espécie de jogo com a mesma nota. A peça também faz alusão ao estudo de uníssonos empregado em *Schatten der Ideen 2*, do compositor germânico Walter Zimmermann.

Armando Lôbo (Armando Lôbo de Azevedo Mello Neto, Recife/PE, 26/2/1971), compositor, poeta e professor pernambucano, desenvolve gêneros e estilos musicais diversos, com o uso de matizes experimentais e simbiose intensa com a literatura, história, filosofia e religião. Lançou quatro discos: *Alegria dos homens*, *Vulgar & Sublime*, *Frevo Diabo* e *Técnicas modernas do êxtase*. Foi contemplado em prêmios nacionais tanto por sua obra erudita quanto por seu trabalho com a música popular, e tem peças executadas no Brasil e na Europa. É membro fundador do PAN Ensemble, no Conservatório Brasileiro de Música, e do Ensemble Uirapuru, em Munique.

Pernambukalos é uma pequena rapsódia convulsa, inspirada na tradição musical pernambucana.

Maurício Dottori (Rio de Janeiro/RJ, 1/8/1960), compositor e musicólogo, foi aluno do clarinetista José Botelho, e aperfeiçoou-se em composição com Sylvano Bussotti e Mauro Castellano, na Scuola di Música di Fiesole, em Florença. Fez mestrado em artes pela USP e doutorado em música pela Universidade do País de Gales, Cardiff. Entre 1992 e 2002, foi professor de contraponto e de composição na Escola de Música e Belas Artes do Paraná e, a partir de então, é professor de contraponto, composição e música eletroacústica da Universidade Federal do Paraná. Nessas instituições, foi responsável pela formação de toda uma geração de compositores paranaenses, Pesquisa princípios cognitivos aplicados à composição musical, desenvolve uma didática renovada da composição e tem obras executadas no Brasil, na Europa e nas Américas.

O título *Où sont les gracieux galants* foi retirado de versos do poeta quincentista François Villon, que se revelou agourento, ao falar de perdas e de saudades: “Où sont les gracieux galants / Que je suivais au temps jadis, / Si bien chantants, si bien parlants, / Si plaisants en faits et en dits?”. A primeira versão da obra veio à luz há 15 anos, quando Graham Griffiths encomendou, aos que primeiro compuseram para a Camerata Novo Horizonte, uma peça comemorativa do décimo aniversário desse conjunto. Entre a composição e a estreia, a camerata desin-

tegrou-se, e a peça, composta para uma formação pouco usual, permaneceu na gaveta, até ser revista para a XX Bienal. Trata-se de uma obra concertante, para todos os músicos, um concerto grosso.

Marcos Nogueira (Marcos Vinício Cunha Nogueira, Rio de Janeiro/RJ, 17/6/1962), começou a prática regular de piano aos 6 anos e, posteriormente, dedicou-se a gêneros musicais mais populares. Aos 18 anos, começou uma etapa de formação musical técnica, estudando orquestração e arranjos musicais na Escola de Música Villa-Lobos, da qual foi diretor, e graduando-se bacharel em composição pela Escola de Música da UFRJ. Passou a compor regularmente, sob a orientação de Marisa Rezende. Fez mestrado em música na Unirio e tornou-se professor de composição da EM/UFRJ, onde doutorou-se. Criou o conjunto de câmara Cron, dedicado ao repertório brasileiro contemporâneo, com o qual realiza turnês regionais e nacionais, e do qual participa como compositor, regente e pianista. Como pesquisador, investiga a poética musical pelo viés da cognição musical.

Teorema do macaco infinito tem como motivação inicial o histórico teorema cuja essência já estaria aludida na Metafísica de Aristóteles: um sujeito imagético (um macaco, por exemplo), digitando ao acaso um teclado durante muito tempo, produziria “quase certamente” (pela teoria das probabilidades) qualquer texto idealizável, como um romance de Machado de Assis. Transposto para o universo da composição musical, a peça refere uma das obras antológicas do repertório organístico à qual chegaria nosso “macaco músico”. Escrita para grande órgão e percussão múltipla, ela enfatiza a repetição não direcional em vários parâmetros do fluxo sonoro-musical, partindo de contornos pouco apreensíveis até alcançar um desenho formal reconhecível.

Maurício de Bonis (Maurício Funcia de Bonis, São Paulo/SP, 27/7/1979) graduou-se em composição sob a orientação de Willy Corrêa de Oliveira, é doutor em música pela ECA-USP e professor assistente no Instituto de Artes da UNESP. Participou do 40º Ferienkurse für neue Musik, em Darmstadt, na Alemanha, e estudou piano com Heloisa Zani, Amílcar Zani e Cláudia Padilha. Participa de festivais nacionais e internacionais de música contemporânea, e tem trabalhos gravados em CDs, como *O Violino na Metrôpole*, com a violinista Simona Cavuoto, pelo selo Água Forte.

Em *3 Perguntas*, a polifonia linear se desenrola em dilatações, contrações, suspensões e adensamentos no cruzamento de duas distinções de materiais – entre alturas determinadas e indeterminadas (entre sopros e percussão), e ao mesmo tempo, dentro de cada uma dessas famílias, entre metais e madeiras, estas agrupadas às peles, na percussão, em contraste com a ressonância dos metais em *lascia vibrare*. “Nos tempos sobrios / se cantará também? / Também se cantará / sobre os tempos sombrios”, dizia Brecht. Mais do que uma reflexão sobre as relações entre a polifonia na música de hoje e a que data de mais de meio milênio, *3 Perguntas* vem de uma meditação sobre seu poema *A troca da roda*: “Estou sentado à beira da estrada, / o condutor muda a roda. / Não me agrada o lugar de onde venho. / Não me agrada o lugar para onde vou. / Por que olho a troca da roda / com impaciência?”

Daniel Moreira (Daniel Moreira de Sousa, Rio de Janeiro/RJ, 11/5/1988), orientado por Marcos Nogueira, é bacharel em composição e faz mestrado em composição, sob a orientação de Pauxy Gentil-Nunes, na UFRJ. Participa como compositor e organizador de eventos voltados para a música contemporânea, como o Projeto Mostra 0800, do qual é um dos criadores, e o Fórum dos Compositores. *Fantasia* resulta da pesquisa do compositor sobre a temática do humor no discurso musical. Nesta peça a tematização da infância se reflete nas sonoridades consonantes, alegres e singelas, em gestos lúdicos e em texturas e escrita instrumental referenciadas à música de circo e às trilhas de desenho animado. O resultado sonorizado induz a uma narrativa imaginária, supostamente situada na pureza da mente infantil. A temática da infância mostrou-se uma ferramenta composicional eficaz para o desenvolvimento do humor, cuja compreensão dispensa o uso de diálogos ou cenas extramusicais.

Eduardo Guimarães Álvares (Uberlândia/MG, 5/1/1959 – 24/3/2013) teve uma formação múltipla como artista plástico, cantor e *performer*. Graduiu-se em composição pela USP, em contato com Gilberto Mendes, Dante Grela, Joachim Hespino e Konrad Boehmer. Em Belo Horizonte, coordenou ciclos de música contemporânea e os Festivais Intermídia e Articulações. Foi presidente da Fundação Clóvis Salgado e tem vários prêmios internacionais, com obras executadas na Europa e nas Américas. Seu vocabulário reflete constantes reflexões sobre a música cênica e a literatura contemporânea, incorporadas a forte vigor rítmico e grande multiplicidade técnica. Em contrastante teatralidade, suas obras fazem oscilar linguagens heterogêneas, que podem variar de práticas neo-tonais a massas sonoras em fusão.

Paisagens por telefone & outras estórias testemunha a maturidade e resume a técnica criativa do compositor, na oposição de módulos de linguagens discrepantes em função de um teatro imaginário iconoclasta e provocativo. Colagens caleidoscópicas, gestos dramáticos dispersados microscopicamente no relacionamento camerístico, ímpeto rítmico e grande economia de meios, comungando com referências a mestres essenciais à sua personalidade – Stravinsky e Kagel – iluminam objetos convencionais com novo frescor e inovador atrevimento; Desse desvelamento, ressalta a essência da poética musical do compositor – a absoluta liberdade expressiva.



XX BIENAL DE MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

SALÃO LEOPOLDO MIGUEZ

Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro

5 de outubro de 2013 – sábado, 19h



Fernando Cerqueira

Fernando Cerqueira *Reiteraões concertantes **

clarineta solo Cristiano Alves
flauta Renato Axelrud, *oboé* José Francisco Gonçalves,
fagote Paulo de Andrade, *trompa* Daniel Soares,
tímpano Lino Hoffmann, *percussões* André Frias,
Paulo Marcio Vaz e Tiago Calderano
piano Catherine Henriques
regente Luis Gustavo Petri



Wellington Gomes

Wellington Gomes *Relevos do Rio **

flauta Renato Axelrud, *clarineta* Marco Passos,
percussões Rafael Costa e Lourenço Vasconcelos,
piano Catherine Henriques,
violino Pablo de Leon, *viola* Bernardo Fantini,
violoncelo Fernando Bru, *contrabaixo* Alexandre Brasil
regente Luis Gustavo Petri



Marlos Nobre

Marlos Nobre *Nonetto **

Grupo Cron:
flauta Pauxy Gentil-Nunes, *clarineta* Marcos Passos,
violino Tais Soares, *trompa* Josué Soares,
piano Tatiana Dumas, *contrabaixo* Claudio Alves,
tímpanos Daniel Serale, *percussões* Rafaela Calvet
e Pedro Moita,
regente Marcos Nogueira
direção musical Marcos Nogueira e Yahn Wagner



Marisa Rezende



Pauxy Gentil-Nunes



Ricardo Tacuchian

II

Marisa Rezende *Trama **

violoncelo Fabio Presgrave

Pauxy Gentil-Nunes *Átimo **

piano Marina Spoladore

Ricardo Tacuchian *Pintura rupestre **

Orquestra Sinfônica Brasileira – Ópera & Repertório

regente Luis Gustavo Petri

Fernando Cerqueira (Fernando Barbosa de Cerqueira, Ilhéus/BA, 8/9/1941) fez sua formação musical em Salvador e diplomou-se em composição pela Escola de Música da UFBA, em 1969, tendo Ernst Widmer como principal professor. Mestre em Teoria da Literatura pela UFBA, atuou como professor e clarinetista, em Salvador e Brasília, integrando conjuntos de câmara e orquestras. Membro fundador do Grupo de Compositores da Bahia e da Sociedade Brasileira de Música Contemporânea, participa de bienais e festivais, e recebeu diversos prêmios. Além de ter obras gravadas e partituras editadas, é autor de dois livros sobre temas de música e literatura.

Reiteraões concertantes (2012) desenvolve uma textura concertante que, segundo o compositor, alia mobilidade, variedade dos andamentos e figurações a uma nova forma de melodismo. “Todos os elementos melódicos, rítmicos e harmônicos surgem de uma estrutura serial. Deste modo, nem a nota ré, eixo da peça, implica em relações tonais, nem a frase rítmica das melodias e da percussão vem de algum padrão rítmico regional. Servem a um propósito retomado de outras obras: associar percepções sonoras, provocadas por novos materiais e sistemas, a outras imagens do repertório, guardadas na memória coletiva. Cria-se, assim, um sentido lírico *presencial*, levando o ouvinte a perceber a obra musical na sua unicidade emotiva, ou seja, como um elo sonoro natural entre passado e futuro”. Na primeira parte da obra, a clarineta solista “re-itera” uma melodia serial, respondida pelo coro dos sopros e do piano, com o apoio da percussão, criando uma textura responsorial. O foco e eixo “tonal” dessa estrutura melódica é a nota ré, que nasce nos tímpanos, fonte geradora da frase rítmica que dá suporte à melodia e que se contrai e expande no decorrer da peça. Na segunda parte, os elementos melódicos e rítmicos originais se dispersam pelo conjunto, e todos são conduzidos pelo solista ao *allegro-rítmico* composto de cadências e figurações que percorrem todo o registro sonoro da clarineta. Assim, o movimento final provocado pela cadência da clarineta resulta numa pulsação animada e incisiva de todo o conjunto, enfatizando o aspecto percussivo da obra e acrescentando-lhe um sentido rítmico quase “étnico”.

Wellington Gomes (Wellington Gomes da Silva, Feira de Santana/BA, 2/8/1960), doutor em composição e professor de Composição, Literatura e Estruturação Musical na graduação e no programa de pós-graduação (mestrado e doutorado) da Escola de Música da UFBA, da qual foi vice-diretor em 2003 e 2004. Participa de diversos eventos e concertos dedicados à música contemporânea brasileira, e suas obras são executadas por orquestras e conjuntos, no Brasil, Costa Rica, Estados Unidos, Qatar e na Europa. Recebeu o 1º Prêmio na XIV Apresentação de Compositores da Bahia, em 1981, no I Concurso Nordestino de Composições Camerísticas (1984) e no IV Concurso Nacional de Composição, em Salvador (1989); o 3º Prêmio no III Concurso Nacional de Composição Heitor Villa Lobos, em Brasília (1987); o “Prêmio Público” na XVIII Apresentação de Compositores da Bahia (1987); o 2º Prêmio no V Concurso Nacional de Composição, em Salvador (1991); o Prêmio Copene de Cultura e Arte, em Salvador (1996); o Prêmio Internacional de Composição Klang der Welt – Drei lateinamerikanische Länder, em Berlim (2008); e o Prêmio Funarte de Música Clássica, em 2010 e em 2012. Seu repertório inclui obras para instrumento solo, música vocal, música de câmara, orquestra e banda sinfônica, solo ou coro e orquestra.

Relevos do Rio é uma estória sonora criada para homenagear a cidade do Rio de Janeiro. Não se trata de uma tentativa de descrição imagética, mas uma possível interpretação sonora do que os olhos do compositor veem quando alcançam o magnífico conjunto de relevos geográficos que compõe essa cidade maravilhosa.

Marlos Nobre (Marlos Mesquita Nobre de Almeida, Recife/PE, 18/2/1939) lançou-se nacionalmente ao vencer, em 1960, o 1º Prêmio do Concurso Música e Músicos do Brasil, no Rio de Janeiro, com seu *Trio para piano, violino e cello*. Em 1963/64, como bolsista da Fundação Rockefeller, estudou com Ginastera, Messiaen, Dallapiccola e Malipiero no Instituto Torquato Di Tella, em Buenos Aires. Durante esse período, escreveu *Variações Rítmicas*, *Divertimento* e *Ukrinmakrinkrin*, obras que, nos anos de 1966, 1968 e 1970, venceram a Tribuna Internacional de Compositores, da Unesco, em Paris, e o projetaram internacionalmente. Ainda pela Unesco, foi premiado, em 1972, com *In memoriam*, e passou a ter obras gravadas pela Philips, Phonogram, EMI Angel, Deutsche Grammophon e outras empresas, na Europa e nos EUA. Atualmente, mais de 150 CDs trazem obras suas, gravadas no Brasil e no exterior. Dos 25 primeiros prêmios nacionais e internacionais que recebeu, o mais recente é “Tomás Luis de Victoria”, na Espanha, em 2004, quando foi lançado o livro de Tomás Marco sobre sua obra, estilo e técnicas. É Officier des Arts et des Lettres, na França, Doutor *Honoris Causa* pela Universidade de Pernambuco, professor visitante da Juilliard School e das Universidades de Yale e de Indiana. Seu catálogo abrange 240 obras em

praticamente todos os gêneros musicais, muitas delas editadas por Max Eschig, Henri Lemoine, Boosey & Hawkes e, atualmente, pela Marlos Nobre Edition.

Nonetto, opus 117 (2013), consta de sete partes: *Fulgurante*, *Molto lento*, *Vivo*, *Fulgurante*, *Lento*, *Largo* e *Piú mosso*. Como na maioria de obras mais recentes do compositor, sobretudo a partir dos últimos 10 anos, esta peça foi elaborada mediante um processo pessoal que vem sendo estruturado com base no que ele chama de “cromatismo múltiplo”: “Eu percorri um processo inverso ao habitual (digamos assim), ou seja, aquele que levou muitos compositores, como Schoenberg, Berg e Webern, do atonalismo cromático ao serialismo. O meu caminho harmônico levou-me do tonalismo inicial, passando pelo politonalismo e serialismo e prosseguindo com o multi-cromatismo onde me sinto livre para criar a partir do cromatismo total. Não mais utilizo séries prévias, mas organizo meu material a partir de padrões cromáticos sensíveis à minha mente, e crio através de um processo que inclui controle e intuição. Este meu processo não exclui, caso ache necessário, momentos politonais ou mesmo tonais, o que, para mim, não significa uma contradição. Este meu *Nonetto* tem, portanto, uma organização basicamente cromática, sem excluir o diatonismo e até mesmo o serialismo, em certos momentos – como na seção central, *Largo*. O que me interessa, em última e definitiva instância, não é qualquer justificativa técnica ou teórica, mas o resultado sonoro que imagino mentalmente, e para cuja realização total utilizo livremente as técnicas múltiplas de que disponho.”

Marisa Rezende (Marisa Barcellos Rezende, Rio de Janeiro/RJ, 8/8/1944), compositora e pianista, obteve mestrado e doutorado na Universidade da Califórnia e pós-doutorado na Universidade de Keele, Inglaterra. Foi professora titular de Composição da Escola de Música da UFRJ, entre 1987 e 2002, onde fundou, em 1989, o Grupo Música Nova, responsável por inúmeras estreias do repertório brasileiro contemporâneo. Participa ativamente dos principais eventos de música contemporânea brasileiros, tendo obras suas gravadas e executadas também em inúmeros eventos no exterior.

Trama, para violoncelo e orquestra de câmara, é construída a partir de antinômias expressas no poema *As três palavras mais estranhas*, de Wysława Szymborska, e que são: Futuro, Silêncio e Nada. Um jogo de situações opostas é buscado através de possíveis analogias musicais, mas é a própria enunciação do discurso que se carrega de dramaticidade, numa condição de perplexidade frente à vida.

Pauxy Gentil-Nunes (Pauxy Gentil-Nunes Filho, Rio de Janeiro/RJ, 8/8/1944) é compositor e flautista. Mestre em composição e doutor em linguagem e estruturação musical, é professor de harmonia, análise e composição na Escola de Música da UFRJ. Tem atividade criativa contínua e diversas obras executadas e gravadas no Brasil e no exterior. Em 2012, foi compositor residente do *Abstrai Ensemble*, em projeto aprovado em Edital da Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro. Como compositor convidado, participou, com Rami Levin, da temporada 2012 do grupo de compositores Prelúdio 21, e do 2o Encontro Paranaense de Composição Musical, no 32º Festival de Londrina.

Átimo foi composta sob encomenda da Fundação Nacional de Artes – FUNARTE, para a XX Bienal de Música Brasileira Contemporânea - 2013. É dedicada à pianista Marina Spoladore. A peça tematiza a fugacidade do momento presente – o átimo, expandido através de um grande zoom temporal. Microscópico, e ao mesmo tempo cheio de potência transformadora. Cheio de ideias vagantes, ora claras e lógicas, ora indefinidas como um devaneio, e algumas vezes incompatíveis – ambiente caótico e mutável. A obra é construída com 17 sonoridades, formando estrutura que se manifesta do início ao fim da peça sem alterações, representando a natureza misteriosa – e superficialmente contraditória – da existência.

Ricardo Tacuchian (Rio de Janeiro/RJ, 18/11/1939) é compositor e regente, com carreira que cobre quase todos os países do mundo ocidental e uma discografia com cerca de 80 itens, distribuídos em aproximadamente 40 CDs, além das edições em LP. Sua música é programada durante todo o ano, no Brasil e no exterior. *Sinfonia das florestas*, sua mais recente obra, para grande orquestra e solo de soprano, foi há pouco estreada na Espanha.

Pintura rupestre está dividida em três seções. A primeira, *Largo e Misterioso*, expressa estreitas e escuras galerias subterrâneas. A segunda, *Allegro moderato*, representa um grande salão de uma caverna imaginária, com luzes atravessando algumas fendas, onde o povo se reunia para festas e rituais. A última seção, *Allegro com brío*, predominantemente rítmica, evoca figurações nas paredes da caverna, com cenas de caça e rituais, representações de bisões e outros animais necessários à subsistência, símbolos de sexualidade e abstrações.



XX BIENAL DE MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Theatro Municipal do Rio de Janeiro

6 de outubro de 2013 –domingo, 17h



Roberto Victorio

I
Roberto Victorio *Tetragrammaton III* *

Germán Gras *Vem molhar os pés à lua* **

Pedro Augusto Dias *Movimento concertante I* **
clarineta Paulo Sérgio Santos



Germán Gras

II
Mario Ficarelli *Parasinfonia* *

Guilherme Bauer *Blocos sinfônicos* *

Ronaldo Miranda *Jogos* *
I – *Duelo*; II – *Intermezzo*; III – *Finale*
violoncelo Antonio Del Claro



Pedro Augusto Dias



Mario Ficarelli



Guilherme Bauer



Ronaldo Miranda

Orquestra Petrobras Sinfônica

regente Roberto Duarte

obras em estreia mundial:

* encomendadas pela Funarte em 2012

** vencedoras do Prêmio Funarte de Composição Clássica 2012

Roberto Victorio (Roberto Pinto Victorio, Cuiabá/MT, 19/12/1969), mestre em composição e doutor em etnomusicologia, tem trabalhos de pesquisa voltados para a música ritual da etnia Bororo, de Mato Grosso. Seu catálogo inclui mais de 200 obras, executadas e gravadas nos principais eventos musicais, no Brasil e no exterior, e que receberam prêmios como o Latino Americano, no Uruguai; Contrechamps, em Genebra; Festival Internacional de Budapest; Sociedade Internacional de Música Contemporânea, na Romênia; Tribuna Internacional de Compositores, da Unesco; Oldenburg, na Alemanha. Como regente, atuou na Orquestra de Câmara do Rio de Janeiro e na Orquestra Sinfônica da Universidade Federal de Mato Grosso, com repertório voltado exclusivamente para a produção contemporânea. Em 1986, no Rio de Janeiro, fundou o grupo de câmara Sextante, que dirige, do qual é instrumentista, e que até hoje se dedica à produção musical brasileira contemporânea, em Mato Grosso. É professor de composição, etnomusicologia e estética da música na graduação e no Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea, na Universidade Federal de Mato Grosso, e diretor das Bienais de Música Brasileira Contemporânea de Mato Grosso.

O **Tetragrammaton**, que representa em essência o indizível nome de Deus, é o cerne dos escritos do filósofo e alquimista Jacob Bohème e o eixo genético de uma série de dezesseis obras, escritas para diversas formações instrumentais.

Germán Gras (Germán Enrique Gras, Santa Fé/Argentina, 13/5/1975) é formado em composição, pelo Instituto Superior de Música da Facultad de Humanidades y Ciencias, da Universidad Nacional del Litoral, em Santa Fé, Argentina. Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde é mestre em composição pelo programa de pós-graduação, segue doutorado nessa área, sob a orientação de Celso Loureiro Chaves. Recebeu prêmios e menções na Argentina, na Europa e agora no Brasil, país em que se radicou. Seu principal interesse estético gira em torno da sonoridade, no sentido mais amplo do termo, como elemento germinal e construtivo da criação musical.

Vem molhar os pés à lua explora sonoridades provindas de diferentes correntes estéticas. Várias delas ficaram guardadas durante muitos anos, e foram confrontadas com novas, mais recentes, o que deu lugar a conflitos que acabaram por se resolver: na peça, as referências sonoras coexistem, se misturam e entrelaçam na textura musical. Há citações de Arnold Schoenberg e de Patrício Rey em seus *Redonditos de ricota*, por exemplo, sem intenções de enfrentamentos. Tais citações são utilizadas como fontes, de onde as sonoridades simplesmente surgem. O título foi tomado da letra da música *Ella también*, do disco Kamikaze, de 1982, como homenagem a um manancial de ideias poéticas, o compositor e intérprete argentino Luis Alberto Spinetta (1950-2012).

Pedro Augusto Dias (Pedro Augusto Silva Dias, Itabuna/BA, 28/6/1966) é professor assistente de composição, arranjo, percepção e contraponto na Universidade Federal da Bahia, onde faz doutorado. Dentre as distinções mais recentes que recebeu, destaca-se o Prêmio Fernando Burgos, com a obra *Toadas*, gravada pela Orquestra de Violões da UFBA, sob a sua regência. Atuou como compositor, instrumentista e/ou arranjador com as Orquestras Sinfônicas da Bahia e da UFBA, a Orquestra Sinfônica Juvenil da Bahia, a Orkestra Rumpilezz, o Grupo Garagem, Nelson Veras, e com intérpretes como Mou Brasil, Mônica Salmaso e Maria Bethânia. Tem composto música para cinema (*O Jardim das Folhas Sagradas*, *Lindeiras* e outros títulos) e para audiovisuais de clientes como a Intrépida Trupe, The New York Times e o canal de TV Food Network.

Movimento concertante I é a primeira parte de um tríptico para clarinete solista e orquestra. Um dos outros movimentos foi estreado na XVIII Bienal de Música Brasileira Contemporânea, tendo como solista o clarinetista Cristiano Alves. A obra explora uma relação pouco convencional entre orquestra e solista, contendo trechos em que este se integra ao grupo maior. Foi composta como um dos produtos de pesquisa de mestrado, na qual o autor investiga procedimentos e materiais ligados à "centricidade": o estabelecimento de centros e pólos de atração tonal, por meios não-tonais, não tradicionais. Nesse movimento, o material de alturas é quase exclusivamente derivado de um conjunto simétrico de nove sons: a coleção "eneatônica".

Mario Ficarelli (São Paulo/SP, 4/7/1937) iniciou seus estudos de música aos 17 anos e aos 29 dedicou-se à composição, orientado por Olivier Toni. Conquistou diversos prêmios e tem obras tocadas, editadas e estreadas, no Brasil e no exterior. Atuou como professor no Departamento de Música da ECA-USP durante 30 anos, tendo sido eleito diretor por três mandatos. Seu catálogo de obras conta atualmente com mais de 160 composições para diversas formações: solos, câmara, sinfônica e uma ópera.

Parasinfonia deveria ser a quinta sinfonia do compositor, para satisfazer a encomenda recebida da Funarte. Entretanto, considerando a duração máxima determinada por essa instituição, optou por uma sinfonia "extraordinária", ou seja, de duração mais curta do que as sinfonias convencionais. A obra inicia com uma *Introdução*, seguida do *Allegro Vivo* que culmina num tutti em movimento descendente. Segue-se um trecho *Lento*, com solos de piano, vibrafone, trompete e trombone. Um *Presto* envolvendo as cordas culmina em uma rápida lembrança do que seria o primeiro movimento, concluído com uma Coda por toda a orquestra.

Guilherme Bauer (Guilherme Carneiro da Cunha Bauer, Rio de Janeiro/RJ, 1/7/1943), compositor e professor formado exclusivamente no Brasil, iniciou estudos de violino com Iolanda Peixoto, continuados com Oscar Borgerth na UFRJ. Estudou composição com Cláudio Santoro, análise musical com Esther Scliar, e aperfeiçoou-se em harmonia, contraponto, fuga, composição e orquestração com Guerra-Peixe, constituindo com este último uma sólida e enriquecedora amizade. Seguiu, em seu período inicial a estética do atonalismo, e adotou, depois, uma linguagem livre, apoiada, muitas vezes, nas nossas tradições musicais populares. Recebeu oito prêmios em concursos de composição, com destaque para o Prêmio Esso de Música, o Prêmio Latino-Americano da UFBA, o da Cultura Artística de São Paulo e o da Associação Paulista de Críticos de Arte, bem como a Bolsa Vitae de Artes. Sua *Celebração sinfônica* foi comissionada para as comemorações dos 70 anos da Orquestra Sinfônica Brasileira, em 2010. Desde 2006, é membro da Academia Brasileira de Música.

Os **Blocos sinfônicos** trazem estratificações sonoras de texturas ou timbres, formadas por pequenos grupos de instrumentos ou por um ou mais naipes. Essas formações são estruturadas de modo estático ou dinâmico, e entrecortadas, por vezes, com passagens que ligam os blocos.

Ronaldo Miranda (Ronaldo Coutinho de Miranda, Rio de Janeiro/RJ, 16/4/1948) estudou composição com Henrique Morelenbaum e piano com Dulce de Saules, na Escola de Música da UFRJ. Começou sua carreira como crítico de música do *Jornal do Brasil* e intensificou a atuação como compositor a partir de 1977, quando obteve o 1º Prêmio no Concurso de Composição para a II Bienal de Música Brasileira Contemporânea, na categoria de música de câmara. Recebeu vários prêmios em concursos brasileiros de composição, como o Troféu Golfinho de Ouro e o Prêmio APCA de Melhor Obra Orquestral. Laureado no Concurso Internacional de Composição de Budapeste e condecorado com a Ordem das Artes e das Letras pelo governo francês, participou de inúmeros festivais internacionais, como o World Music Days (em Aarhus e em Budapeste), a X Bienal de Música de Berlim, o Aspekte Festival, em Salzburgo, e as séries Musiques del Nostre Temps, em Palma de Mallorca, e Sonidos de las Américas, em Nova Iorque. Em 2003, foi compositor residente na Brahms Haus de Baden-Baden e, em 2004, estreou seu *Concerto para 4 Violões e Orquestra* com a Baltimore Symphony e o Brazilian Guitar Quartet. Seus últimos prêmios incluem o Troféu Carlos Gomes e novamente o Prêmio APCA, pela ópera *A tempestade*. Grande parte da sua produção está registrada em CDs nos selos Naxos, Delos, Granary, Lorelt, EMI, NCA, Kuarup, Dynamic, EGTA, Biscoito Fino e RioArte Digital.

Nos três movimentos de **Jogos**, para violoncelo e orquestra, são explorados aspectos rítmicos, melódicos e tímbricos do instrumento solista em relação à massa orquestral, num processo que alterna diálogos, rarefações e superposições das mais variadas texturas.

Orquestra Sinfônica da Universidade Federal do Rio de Janeiro

(naípe de cordas)

direção artística
André Cardoso e Ernani Aguiar

violinos I Adonhiran Reis (*spalla*), Angélica Alves, Mauro Rufino, Arthur de Andrade Pontes,
Marco Catto Ribeiro, Inah Kurrels Pena, Felipe Prazeres,
Ana Catto Ribeiro, Talita Vieira, Clara Santos
violinos II Andreia Carizzi, André Bukowitz, Her Agapito, RananAntonini,
Kelly Davis, Marcos Graça, Ricardo Coimbra, Sonia Katz,
violas Ivan Zandonade, Jessé Pereira, Rúbia Siqueira
Cecília Mendes, Thaís Mendes, Francisco Pestana
violoncelos Mateus Ceccato, Gretel Paganini, Ricardo Santoro,
Eleonora Fortunato, João Bustamante, Paulo Santoro
contrabaixos Rodrigo Favaro, Tarcísio Silva, Saulo Generino, Voila Marques

equipe técnica
Rosinaldo Martins, Marcos Tenório, Paula Buscássio,
Sérgio Di Sabbato, Rafael Reigoto, André Garcez

Fundação Orquestra Sinfônica Brasileira

presidente do conselho curador
Eleazar de Carvalho Filho

superintendente geral
Ricardo Levisky

diretor executivo
Sergio Fortes

diretor artístico
Pablo Castellar

OSB Ópera & Repertório

violinos Michel Bessler (*spalla*), Pablo de León (*spalla*), Karolin Broosch * (*concertino*), Angélica Alves,
Priscila Rato, Luzer Machtyngier, Ubiratã Rodrigues**, André Cunha, Kleber Vogel,
Sergio Struckel, Virgilio Arraes Filho, Shiguehiko Takeda, Marco Catto*
violas Bernardo Fantini, Nayran Pessanha, Déborah Cheyne, Ivan Nirenberg, Helena I. Buzack
violoncelos David Chew (solista), Fernando Bru (*concertino*), Luiz Carlos Hack, Thaís Ferreira*
contrabaixos Rudolf Kroupa (solista), Saulo Melo (*concertino*), Alexandre Brasil, Ernesto Gonçalves
flautas/flautim Renato Axelrud (solista), Carlos Alberto Rodrigues (flautim)
oboé/corne inglês Victor Astorga* (solista), Francisco Gonçalves
clarinetas Marcos dos Passos Junior* (solista), José Batista Junior*
fagotes/contrafagotes Paulo Andrade, Mauro Ávila (contrafagote)
trompas Josué Soares, Daniel Soares da Silva*
trompetes David Alves (solista), Flávio Melo (solista), Nilson Coelho
trombones Elber Ramos Bonfim, Antonio Henrique Seixas (trombone baixo)
tuba Eliézer Rodrigues (solista)
tímpanos Lino Hoffmann (solista)
percussão André Frias

* músico temporário

** regente preparador para as obras de música de câmara

Orquestra Petrobras Sinfônica

direção artística
Isaac Karabtchevsky

regente assistente
Felipe Prazeres

violinos I Felipe Prazeres (*spalla*), Elissa Cassini (*spalla*), Gustavo Menezes (*concertino*), Ricardo Amado (*concertino*),
Fernando Pereira, Carla Rincón, Andréa Moniz, Tomaz Soares, Her Agapito,
Nelson Abramento, Sérgio Struckel, Iesuratinan Lobato
violinos II Carlos Mendes*, Ricardo Menezes, Márcio Sanchez, Camila Bastos, Daniel Albuquerque,
João Menezes, Flávio Santos, José Eduardo Fernandes, Henrique Eduardo, Sérgio Rosendo
violas Ivan Zandonade*, José Ricardo Taboada, Fernando Thebaldi, Daniel Prazeres, Dhyan Toffolo,
Noemi Uzeda, Estevan Reis, Ana Maria Scherer, Helena Buzack, Sérgio Bernardo
violoncelos Hugo Pilger*, Marcelo Salles, Diana Lacerda, Mateus Ceccato, Fábio Coelho,
Lylían Moniz, Eleonora Rodrigues, Eduardo Menezes, Atelisa de Salles
contrabaixos Ricardo Cândido*, Jorge Soares, Saulo Generino,
Gael Lhoumeau, Antônio Botelho, Sonia Zanon
flautas / flautim Marcelo Bomfim*, Murilo Barquette, Luís Cuevas, Sammy Fuks
oboés / corne inglês Carlos Prazeres**, José Francisco Gonçalves, Janaína Perotto, Victor Astorga
clarinetes Cristiano Alves*, Igor Carvalho, Paulo Passos
fagotes Elione Medeiros*, Ariane Petri, Paulo Andrade
trompas Philip Doyle*, Ismael Oliveira, Francisco de Assis, Josué Silva, Antônio José Augusto
trompetes Nelson Oliveira*, David Alves, Vinícius Lugon
trombones Jacques Ghestem*, João Luiz Areias, Gilberto Oliveira
tuba Eliezer Rodrigues
tímpanos Pedro Sá*
percussão Lino Hoffmann Filho

* líder de naipe ** licenciado

conselho diretor

Fernando Pereira
Carlos Mendes
Ariane Petri

diretoria artística

Philip Doyle
Diana Lacerda
Gustavo Menezes
Márcio Sanchez
Sammy Fuks

conselho de representantes

Camila Bastos
Jorge Soares
Luís Cuevas

NÚCLEO OPERACIONAL

gerente de produção e comunicação

Cinthia Berman

assistente de produção

Bianca Gomes

supervisor técnico

Marinaldo Gomes

coordenadora artística

Malu Allen

inspetor

Ricardo Resende

montadores

Annibal Meliante
André Laport
Fernando Santos

produção e logística

Danúsia Nobre

acervo musical

Bruno Collyer

NÚCLEO DE MARKETING E PROJETOS

gerente de marketing e projetos

Mateus Simões

assistente de marketing

Viller Valladão

NÚCLEO ADMINISTRATIVO-FINANCEIRO

gerente administrativo-financeiro

Roberta Queiroz

receptionista

Tatiana Rohr

publicidade

Casa da Criação

coordenador financeiro

Miguel Lima

auxiliar de escritório

Roberto Marcolino

programação visual

Clarice Soter + Eneida Déchery

assistente financeiro

Vinícius Caldas

auxiliar de serviços gerais

Ingrid Silva

site

Mais Interface

assessoria de imprensa

MNiemeyer

assessoria jurídica

Ferreira e Kanecadan

Dos Festivais às Bienais

Em 2012, foram definidas pela Funarte as 73 obras para receber estreia mundial nessa XX Bienal, 40 das quais encomendadas e 33 concursadas. Em 2010, procedimento análogo definiu 76 obras para apresentação na XIX Bienal, de 2011, das quais 17 foram encomendadas e 59 concursadas. Assim, no período de 2010 a 2013, temos 57 obras encomendadas e 92 concursadas, num total de 149 novas obras de compositores brasileiros.* A média de 37 obras por ano, de 2010 a 2013, suporta, com vantagem, ser comparada a iniciativas análogas de instituições em outros países.

A XIX Bienal representou um avanço considerável com relação às anteriores, na medida em que todas as obras para ela compostas foram pagas em diferentes valores, de acordo com a formação vocal e/ou instrumental. A presente Bienal mantém esse pagamento e traz outro salto de qualidade, ao difundir as obras, os compositores e os intérpretes nela apresentados para todo o mundo, via internet. As filmagens serão feitas pelo Centro Técnico Audiovisual, da Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura, que conta com pessoal e equipamentos altamente qualificados, e que também cuidará da edição das gravações. Foi organizada uma ampla divulgação da difusão, mediante a coleta de endereços de mais de 2.500 instituições musicais, no Brasil e no mundo, que receberão textos bilingües também pelo Facebook e pelo Youtube. Informações detalhadas sobre o acesso às gravações são encontradas no link www.funarte.gov.br/bienaldemusica.

Com a difusão pela internet, as Bienais deixam de ser eventos de, de certo modo, se esgotam em sua realização, para se afirmarem como uma propagação de alcance duradouro para nossa criação musical e para nossos intérpretes, dentro e fora de nossas fronteiras, numa escala ainda não atingida por nenhuma outra iniciativa no Brasil. A Funarte passa a atuar em bloco no apoio à criação de obras musicais, à sua apresentação pública e à sua difusão em escala mundial, seguindo uma tendência já adotada por outras instituições, mas com a originalidade do foco na criação, na realização e na difusão de obras novas de nossos criadores.

Antecedentes

No dia 11 de março de 1949, foi anunciado o “primeiro concerto dodecafônico em São Paulo”, liderado por H. J. Koellreutter, na esteira das atuações do grupo Música Viva, e com a participação de Guerra-Peixe, que pregava a introdução de “elementos nacionalizadores” naquela corrente. Claudio Santoro já havia desertado do movimento, seduzido pela pregação jdanovista do Congresso de Praga, de 1948. É provável que esse concerto e eventos análogos tenham contribuído para a explosão causada pela “Carta aberta aos músicos e críticos do Brasil”, de Camargo Guarnieri, em fins de 1950. Menos de três anos depois, Guerra-Peixe radicalizaria seu gradual afastamento da pregação vanguardista, com o artigo “Que *ismo* é esse, Koellreutter?”, ataque virulento

e direto, em total oposição ao texto comparativamente suave da carta guarnieriana. É curioso observar o véu de silêncio com que os detratores do compositor paulista e de seu documento encobriram o artigo de Guerra-Peixe e as ferozes críticas de Santoro contra a ‘arte burguesa decadente’ – como se a anterior filiação ao Música Viva assegurasse a esses dois compositores uma absolvição prévia de pecados posteriores.

Após a tempestade da “Carta”, Guarnieri começou a formar um grupo de discípulos. Koellreutter também viu crescer um círculo de seguidores atraídos por novas concepções estéticas – o nacionalismo musical parecia patinar numa espécie de solipsismo ideológico, enquanto novas tendências surgiam, oferecendo diferentes horizontes.

Nesse contexto, a I Semana de Música de Vanguarda, realizada no Rio de Janeiro, de 16 a 26 de setembro de 1961, marca um momento importante na divulgação nacional de novas concepções musicais, reunindo de Eleazar de Carvalho, Jocy de Oliveira, Diogo Pacheco e Alceo Bocchino a H. J. Koellreutter, Luciano Berio, David Tudor e Henri Pousseur, que pronunciou a palestra “Significação da música moderna”. Concertos e debates envolvendo música eletrônica animaram o evento, anunciado como uma “Introdução à I Bienal de Música” que não ocorreu.

Cinco anos depois, em setembro de 1966, foi realizada a II Semana de Música de Vanguarda no Rio de Janeiro (Theatro Municipal, Sala Cecília Meireles) e em São Paulo (TUCA e Theatro Municipal), organizada por Eleazar de Carvalho e Jocy de Oliveira, com participação da OSB. Pela primeira vez foi executado, no Brasil, um repertório para percussão, inclusive em duo com piano, estreado aqui obras de Iannis Xenakis, Myron Schaffer, Claudio Santoro, Bruno Maderna, Luciano Berio, John Cage, Karlheinz Stockhausen e outros mais, além de promover uma homenagem ao centenário de Erik Satie.

Os Festivais de 1969 e 1970

Apresentações esparsas dedicadas às músicas nacionalistas e às internacionalistas continuaram a ocorrer, mas o destaque maior cabe ao I Festival de Música da Guanabara, de 1969, idealizado por Edino Krieger e realizado com o apoio de entidades do então Estado da Guanabara. Esse evento consistiu em concurso ao qual concorreram 70 compositores brasileiros com 90 obras, das quais 16 selecionadas para apresentação, de 25 a 19 de maio. O júri internacional era formado por Ayres de Andrade, Fedele d’Amico, Fernando Lopes Graça, Franco Autori, Guerra Peixe, Hector Tosar, Irving Kolodin, Johannes Hoernberg, Krzystof Penderecki, Roberto Schnorrenberg, Roque Cordero e Souza Lima. Em ordem decrescente, os prêmios maiores couberam a Almeida Prado, Marlos Nobre, Lindembergue Cardoso, Fernando Cerqueira e Milton Gomes; outros prêmios foram concedidos a Lindembergue Cardoso, Aylton Escobar, e, curiosamente, a Claudio Santoro, Rufo Herrera e Camargo Guarnieri. Ao que tudo indica, a intenção do concurso, ainda que não explícita, era premiar compositores jovens; a participação de Santoro e de Guarnieri pode ser vista como equivocada, por falta de informação. A apresentação da obra de Guarnieri suscitou tumultos da parte da platéia afi-

* Aylton Escobar declinou do convite de compor a obra que lhe foi encomendada em 2012, o que reduziu para 39 as obras nesse caso, para 72 o total na XX Bienal e para 148 o total no período considerado.

nada com a pregação anti-nacionalista, num eco tardio de rejeição à “Carta” de 1950. Alunos do então Instituto Villa-Lobos divulgaram duas edições mimeografadas do folheto satírico *A Bolha*, comentando e ironizando as obras, os concorrentes e o Festival.

Pouco antes do início do evento, irrompeu entre os músicos um movimento contra a obrigatoriedade de paletó e gravata no Theatro Municipal, apoiado por personalidades como Alceu do Amoroso Lima e Arminda Villa-Lobos. Apesar da posição contrária do diretor do Theatro, o Secretário de Educação e Cultura decidiu permitir “blusão nos balcões simples e galerias. Embaixo, os *pinguins* e paletós”, no dizer de um jornal. Em 1º de junho, quando foram anunciadas e apresentadas as obras vencedoras do concurso, o público em trajes esportivos só entrou pelas portas laterais, e foi impedido de descer aos bares, no intervalo, o que gerou muita reclamação.

Em 1970, o II Festival, também organizado por Edino Krieger, transcorreu de 9 a 20 de maio. O escopo era mais amplo que o do anterior, por envolver compositores das três Américas. Para evitar problemas ocorridos no Festival anterior, operou-se uma franca distinção entre compositores confirmados, que receberam encomenda de obra, e os participantes do concurso. Assim, foram estreadas obras encomendadas a Blas Atehortua, Camargo Guarnieri, Claudio Santoro, Domingo Santa Cruz, Francisco Mignone, Gustavo Becerra, Hector Tosar e Roque Cordero, além das 23 inscritas em concurso para obras sinfônicas e camerísticas. O júri, presidido por Francisco Mignone, era constituído por Claudio Santoro, Domingo Santa Cruz, Franco Autori, Garcia Morilla, Guillermo Espinosa, Hector Tosar, Jorge Peixinho, Luis de Pablo, Roque Cordero, Tadeusz Baird e Vaclav Smetacek. Os três premiados com obras sinfônicas foram Ernst Widmer, Marlos Nobre e Lindembergue Cardoso; em câmara, José Ramon Maranzano, Hilda Dianda e Aylton Escobar. Prêmios de estímulo foram atribuídos a Robert Boury, Leon Biriotti, Fernando Cerqueira, Luis Arias, Marino Rivero e Raul Schemper; do público, a Fernando Cerqueira e Aylton Escobar.

Pode-se estimar que nenhum evento musical, anterior ou posterior, teve tanta relevância quanto esses dois festivais, e, sobretudo, o primeiro, que confirmou Almeida Prado e Marlos Nobre como nomes em ascensão na música brasileira, além de Lindembergue Cardoso (prematuramente falecido), Fernando Cerqueira e Aylton Escobar. Os prêmios concedidos foram substantivos: graças ao que recebeu, Almeida Prado se manteve em Paris durante um ano, e lá permaneceu por mais um, com bolsa do governo paulista, graças a carta de recomendação enviada por Nadia Boulanger ao governo paulista. A cobertura da imprensa foi excepcional, numa época em que o Rio de Janeiro tinha mais de 10 jornais diários. Houve destaque, também, para os compositores baianos, graças ao sistemático ensino musical iniciado por Koellreutter e continuado por Widmer. Sem esquecer outra consequência importantíssima: a abolição do terno e gravata para entrar no Theatro Municipal carioca... pelo menos na galeria...

Da 19ª à 20ª Bienal

A Bienal anterior e a atual retomaram um princípio definido pelo II Festival: o de apresentar obras encomendadas e concursadas, todas pagas. Essa decisão foi possível mediante o lançamento dos concursos e das encomendas nos anos pares, e a realização das Bienais nos anos ímpares em que elas tradicionalmente ocorrem, desde 1975. Assim, o orçamento das Bienais foi praticamente duplicado, graças à definição de gastos, antes inexistentes, no exercício anterior ao da realização dos eventos.

Para essas duas Bienais, os concursos de 2010 e 2012 foram divididos em seis categorias de obras. As respectivas comissões de seleção só examinaram partituras sem informações que possibilitassem identificação óbvia do proponente; essa providência tornou-se imprescindível, em função dos pagamentos previstos para cada obra vencedora. Em 2010, foram inscritas 384 obras e aprovadas 59; em 2012, foram inscritas 534 e aprovadas 33 (ver **Tabela A**). Para as encomendas, procurou-se critérios que tivessem alguma objetividade, de forma a evitar favoritismos. As de 2010 privilegiaram compositores que participaram de 14 ou mais Bienais. Para a atual, foi montado um colégio eleitoral formado por 60 compositores que participaram de cinco ou mais Bienais, e por 7 regentes que apresentaram obra sinfônica em duas ou mais Bienais. Cada membro desse colégio indicou 10 nomes para receber encomenda. Os 670 votos recebidos possibilitaram a classificação – pela quantidade de atribuída aos indicados e pelo critério de maior idade – dos 40 compositores escolhidos por seus pares (ver **Tabela B**). Edino Krieger e Ernani Aguiar preferiram compor obras para categorias inferiores às que teriam direito; dois compositores não aceitaram a encomenda e foram substituídos; compromissos múltiplos impediram Aylton Escobar de compor a obra que lhe caberia.

A comparação entre as **Tabelas A e B**, evidencia, também, que o ano de 1970 marca uma fronteira entre os 33 compositores concursados e os 40 que receberam encomenda. Destes,

38 nasceram de 1928 a 1969; apenas dois são de 1970. Dos concursados, 28 nasceram entre 1970 e 1990, quatro são da década de 1960 e apenas um é de 1956.

As informações trazidas pelas **Tabelas C e D** sintetizam informações que necessitam interpretação. O Rio de Janeiro, onde foram criadas as Bienais, tem a maior tradição de formação musical do país, e sempre atraiu músicos de outras procedências. Isso parece explicar a razão pela qual 50% das obras encomendadas vêm desse estado, e só 22,2% de São Paulo, onde a atual vida musical é a mais intensa e descentralizada do Brasil. No concurso, a quantidade de compositores é praticamente a mesma nos dois estados, o que indica uma relativa superioridade de São Paulo com relação ao ensino de composição. Bahia e Paraná aparecem com a mesma quantidade de compositores, mas comparando os concursados



A águia do Theatro Municipal foge, apavorada, com as obras no I Festival de Música da Guanabara (*A Bolha*, 1969).

e os que receberam encomenda, fica flagrante o peso da tradição na Bahia, e da inovação no Paraná. Além disso, verifica-se que todos os compositores baianos estão em Salvador ou em seu entorno, ao passo que, no Paraná, metade está em Curitiba e os outros na região de Londrina e Maringá. A Paraíba está em melhor posição do que o Rio Grande do Sul e Minas Gerais. Por último, apenas 13 unidades da Federação participam com compositores nessa XX Bienal; essa é uma realidade que só poderá ser superada com o incremento da qualidade do ensino de música e, em especial, de composição.

Para os organizadores dessa Bienal, é motivo de júbilo constatar que metade dos compositores concursados aparece pela primeira vez num evento desse porte (ver **Tabela E**), ou seja: o concurso cumpre sua função de abertura para compositores com *métier* já estruturado, mas sem ampla reputação. As Bienais não são para principiantes, que devem se afirmar em concursos escolares ou locais; elas têm que ser redutos de excelência.

Para 2014, estão planejadas mais encomendas e um novo concurso de obras, todas para estreia mundial na XXI Bienal, de 2015. As encomendas terão um colégio eleitoral ampliado, com a inclusão de dirigentes de cursos de composição de universidades públicas e privadas. Será solicitado aos membros desse novo colégio que votem apenas em nomes de compositores com uma trajetória bem definida. Essa solicitação deve-se ao fato de que, na eleição passada, dos 670 votos recebidos, 78 foram para nomes que receberam apenas um voto e 34 para os que receberam apenas dois, ou seja: foram desperdiçados 112 votos, 16,7% do total.

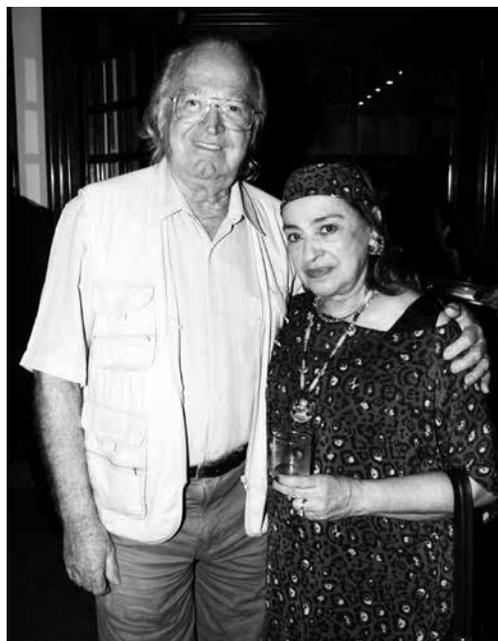
Visão panorâmica

As Bienais constituem a maior e mais abrangente mostra da música erudita recente no Brasil. Elas podem ser vistas como macunaímicas – sem nenhum caráter ideológico, estético, filosófico –, preocupadas, apenas, com a qualidade das obras que apresentam, e com a qualidade da apresentação dessas obras. Desde suas primeiras edições, consolidou-se a tendência de fazer delas uma mostra de tendências variadas, ou mesmo, opostas, do que é produzido em área musical específica, sem apontar nenhuma delas como ‘contemporânea’, ou ‘nova’ – pois todas o são. Como em qualquer evento do gênero, nem tudo são flores, em especial quando se considera o vulto que elas tomaram, a quantidade de obras apresentadas e de intérpretes envolvidos. Nos concursos de composição que as Bienais promovem, os examinadores são instados a examinar a qualidade da obra analisada, independentemente de sua concepção ou linguagem. Villa-Lobos escreveu: “Minhas obras são cartas escritas para a posteridade, sem esperar resposta”. O gosto pela profecia, ou pelo enquadramento do que deva ser a ‘música do nosso tempo’, ainda perdura entre arautos de nacionalismos, vanguardismos

ou sociologismos brechtianos. Felizmente, essas são opções cada vez menos aceitas pelos compositores mais interessados em se expressar do que em seguir ditames. Que tal lembrar os epitáfios que celebraram “o fim da era tonal”?

As Bienais firmaram-se ao serem adotadas pela Funarte, em 1981, quando E. Krieger dirigia a área de música dessa instituição. Além dos concertos com obras de compositores brasileiros, elas também realizaram, concursos de composição, palestras e debates sobre assuntos variados, lançamento de livros e de discos. O local privilegiado de realização foi a Sala Cecília Meireles, mas apresentações foram também feitas no Theatro Municipal, no Teatro João Caetano, no Museu de Arte Moderna, no Automóvel Clube do Brasil, na Sala Baden Powell e na EM/UFRJ. A quantidade de concertos variou de seis, na primeira, a 15, na nona, sempre com a participação de orquestras, conjuntos variados e solistas. Além de E. Krieger, diversos compositores asseguraram sua organização: Ricardo Tacuchian, João Guilherme Ripper, Leonardo Sá, Ronaldo Miranda, Cirlei de Hollanda Cavalcanti, Ernani Aguiar. Recentemente, foram criadas bienais em Mato Grosso e no Paraná, que podem ser vistas como ramos de um tronco maior, mas já em 1978 a Escola de Música da UFRJ criava os seus Panoramas da Música Brasileira Atual, anualmente realizados.

Surgem perguntas sem resposta, mas nem por isso desimportantes. O que fez um Villa-Lobos se organizar como compositor erudito, e não popular? Por qual razão Ari Barroso se fez compositor popular, e não erudito? Pode-se estimar que a quase totalidade dos compositores ditos “de elite” vieram e vêm de segmentos inferiores da classe média, e os da dita “música popular” também. O mesmo vale para os intérpretes de qualquer música. Programas de prática coletiva de instrumentos de cordas friccionadas em ambientes socialmente desfavorecidos têm evidenciado uma enorme possibilidade de aberturas para músicas ditas ‘complicadas’. Concertos sinfônicos em grandes espaços ao ar livre logram, sempre, grande afluência de público diversificado, mesmo quando o repertório não é o mais acessível.



Edino Krieger e Myrian Dauelsberg, criadores da I Bienal, na 18ª edição da série (foto Carlos Sadicoff)

É fundamental o apoio concentrado às diversas facções musicais do gênero dito erudito, ou clássico, ou de concerto (mas também há concertos de rock), ou contemporâneo (termo também apropriado por músicas ditas populares). Esse esforço pode contribuir para a revelação ou afirmação de talentos, cuja confirmação dependerá, sobretudo, do esforço pessoal, da dedicação, pertinácia e obsessão de alguns em trilhar caminhos difíceis, semeados de obstáculos e de incompreensões. Um prêmio, oficial ou privado, por melhor que seja, não garante o futuro de ninguém, mas pode ser importante como estímulo para uma caminhada que construirá seu roteiro, passo a passo, no descompasso dos vaivéns da vida.

Tabelas A a D: Compositores participantes da XX Bienal

Convenções: **ANO** – ano de nascimento de compositor; **C** – obra concursada; **E** – obra encomendada; **T** – totais; **UF** – unidade da federação; **V** – quantidade de votos recebidos

Tabela A
33 compositores concursados,
por ordem alfabética

NOMES	ANO	UF
André Martins	1976	RJ
Armando Lobo	1971	RJ
Bruno Angelo	1985	RS
Bryan Holmes Dias	1981	RJ
Caio Pierangeli	1987	PR
Carlos dos Santos	1990	SP
Daniel Coelho	1985	PR
Daniel Souza	1988	RJ
Danniel Ribeiro	1989	BA
Felipe Ribeiro	1980	PR
Fernando Kozu	1974	PR
GermanGras	1975	RS
Gilson Beck	1982	MG
Guilherme Bertissolo	1984	BA
Helder Oliveira	1987	RN
Juliano Valle	1987	BA
Leonardo Nunes	1980	SC
Lucas Neves	1990	MG
Luiz Eduardo Gonçalves	1986	GO
Marcilio Onofre	1982	PB
Marcus A. Bittencourt	1974	PR
Mário Ferraro	1965	RJ
Martin Herraiz	1980	SP
Matheus Bitondi	1979	SP
Maurício De Bonis	1979	SP
Maurício Dottori	1960	PR
Michelle Agnes	1979	SP
Nelsindo Moraes	1984	MT
Paulo César Silva	1976	BA
Pedro Augusto Dias	1966	BA
Roseane Yampolschi.	1956	PR
Rubens Tubenchlak	1968	RJ
Tadeu Taffarello	1978	PR

Tabela B
40 compositores contemplados
com encomenda de obra,
por votos recebidos

V	NOMES	ANO	UF
21	Edino Krieger	1928	RJ
20	Ronaldo Miranda	1948	SP
18	Guilherme Bauer	1940	RJ
18	Mario Ficarelli	1937	SP
17	Roberto Victorio	1959	MT
16	Marisa Rezende	1944	RJ
16	Pauxy Gentil-Nunes	1963	RJ
16	Ricardo Tacuchian	1939	RJ
14	Jorge Antunes	1942	DF
13	Paulo Costa Lima	1954	BA
13	Marcos Lucas	1964	RJ
12	Aylton Escobar	1943	SP
11	Alexandre Schubert	1970	RJ
11	Ernani Aguiar	1959	RJ
11	João Guilherme Ripper	1959	RJ
10	Vania Dantas Leite	1945	RJ
9	Fernando Cerqueira	1941	BA
9	Wellington Gomes	1960	BA
9	Eli-Eri Moura	1963	PB
9	Liduíno Pitombeira	1962	PB
9	Caio Senna	1959	RJ
9	Marlos Nobre	1939	RJ
9	Flo Menezes	1962	SP
8	Harry Crowl	1958	PR
8	Rodrigo Cicchelli Velloso	1966	RJ
8	Silvio Ferraz	1959	SP
7	Murillo Santos	1931	RJ
7	Tim Rescala	1961	RJ
7	Eduardo Guimarães Álvares	1959	SP
7	Raul do Valle	1936	SP
6	Alfredo Barros	1966	CE
6	José Orlando Alves	1970	PB
6	Luiz Carlos Csekô	1945	RJ
6	Tato Taborda	1960	RJ
5	Agnaldo Ribeiro	1943	BA
5	H. Dawid Korenchender	1948	RJ
5	Jocy de Oliveira	1936	RJ
5	Marcos Vinício Nogueira	1962	RJ
5	Denise Garcia	1955	SP
5	José Augusto Mannis	1958	SP
406	TOTAL DE VOTOS		

Tabela C
73 compositores de obras encomendadas
e concursadas, por unidade da Federação

UF	NOMES	E/C	T
RJ	Alexandre Schubert	E	26
	André Martins	C	
	Armando Lobo	C	
	Bryan Holmes	C	
	Caio Senna	E	
	Daniel Souza	C	
	H. Dawid Korenchandler	E	
	Edino Krieger	E	
	Ernani Aguiar	E	
	Guilherme Bauer	E	
	João Guilherme Ripper	E	
	Jocy de Oliveira	E	
	Luiz Carlos Csekö	E	
	Marcos Lucas	E	
	Marcos Vinício Nogueira	E	
	Mário Ferraro	C	
	Marisa Rezende	E	
	Marlos Nobre	E	
	Murillo Santos	E	
	Pauxy Gentil-Nunes	E	
	Ricardo Tacuchian	E	
	Rodrigo Cicchelli Velloso	E	
	Rubens Tubenchlak	C	
	Tato Taborda	E	
	Tim Rescala	E	
	Vania Dantas Leite	E	
SP	Aylton Escobar	E	14
	Carlos dos Santos	C	
	Denise Garcia	E	
	Eduardo Guimarães Álvares	E	
	Flo Menezes	E	
	José Augusto Mannis	E	
	Mario Ficarelli	E	
	Martin Herraiz	C	
	Matheus Bitondi	C	
	Maurício De Bonis	C	
	Michele Agnes	C	
	Raul do Valle	E	
	Ronaldo Miranda	E	
	Silvio Ferraz	E	
TOTAL		40	

UF	NOMES	E/C	T
BA	Agnaldo Ribeiro	E	9
	Daniel Ribeiro	C	
	Fernando Cerqueira	E	
	Guilherme Bertissolo	C	
	Juliano Valle	C	
	Paulo Costa Lima	E	
	Paulo César Silva	C	
	Pedro Augusto Dias	C	
	Wellington Gomes	E	
	CE	Alfredo Barros	
DF	Jorge Antunes	E	1
GO	Luiz Eduardo Gonçalves	C	1
MG	Gilson Beck	C	2
	Lucas Neves	C	
MT	Nelsindo Mores	C	2
	Roberto Victorio	E	
PB	Eli-Eri Moura	E	4
	José Orlando Alves	E	
	Liduíno Pitombeira	E	
	Marcilio Onofre	C	
PR	Caio Pierangeli	C	9
	Daniel Coelho	C	
	Felipe Ribeiro	C	
	Fernando Kozu	C	
	Harry Crowl	E	
	Marcus Alessi Bittencourt	C	
	Maurício Dottori	C	
Roseane Yampolschi	C		
Tadeu Taffarello	C		
RN	Helder Oliveira	C	1
RS	Bruno Angelo	C	2
	Germán Gras	C	
SC	Leonardo Nunes	C	1
TOTAL			33

Tabela D
Quantidades de compositores,
por unidade da Federação

UF	E	C	E + C
BA	4	5	9
CE	1		1
DF	1		1
GO		1	1
MG		2	2
MT	1	1	2
PB	3	1	4
PR	1	8	9
RJ	20	6	26
RN		1	1
RS		2	2
SC		1	1
SP	9	5	14
T	40	33	73

Obs.: Como antes observado, a quantidade de obras encomendadas foi reduzida de 40 para 39.

Tabela E – Participação de 428 compositores nas 20 Bienais de Música Brasileira Contemporânea

COMPOSITORES	T	COMPOSITORES	T	COMPOSITORES	T	COMPOSITORES	T
Acácio Piedade	1	Bruno Ângelo	4	Denise Garcia	4	Fernando Iazzeta	7
Agnaldo Ribeiro	13	Bruno Kiefer *	7	Dennys Walsh	1	Fernando Kozu	2
Alberto Nepomuceno	2	Bruno Martagão	1	Didier Guigue	4	Fernando Riederer	2
Alceo Bocchino	1	Bruno Py	1	Diego Silveira	1	Flavio Santos Pereira	3
Alda de Oliveira	4	Bruno Speranza	1	Dimitri Cervo	3	Flo Menezes	4
Alessandro Ferreira	1	Bruno Tucunduva Ruviaro	4	Diogo Ahmed	2	Francisco Mignone *	9
Alex Kantorowicz	1	Bryan Holmes **	1	Edgard Felipe	1	Frederick de J. Carrilho	4
Alexandre Birnfeld	1	Cacilda Borges Barbosa *	1	Edino Krieger	13	Frederico Richter	3
Alexandre Eisenberg	4	Caio Senna	8	Edmundo Villani Cortes	8	Frutuoso Vianna *	1
Alexandre Espinheira	1	Caio Pierangeli **	1	Edson Gianesi	1	George Randolph	1
Alexandre Fenerich	2	Calimério Soares *	5	Edson Tadeu	1	Geraldo Magela	1
Alexandre Ficagna	1	Camargo Guarnieri *	13	Edson Zampronha	7	Germán Gras **	1
Alexandre Fracalanza	1	Carlos Almada	7	Eduardo Bertola	3	Gerson Grunblatt	1
Alexandre Lunsqui	2	Carlos César Belém	2	Eduardo Camenietzky	1	Gilberto Carvalho	2
Alexandre Rachid	1	Carlos Cruz *	12	Eduardo Campolina	2	Gilberto Mendes	15
Alexandre Sanches	1	Carlos dos Santos	2	Eduardo Campos	1	Gilson Beck	2
Alexandre Schubert	6	Carlos Galvão	1	Eduardo Escalante	5	Gisele Galhardo	1
Alfredo Barros	5	Carlos Henrique Pereira	1	Eduardo Farias	3	Guilherme Alencar Pinto	1
Almeida Prado	17	Carlos Stasi	2	Eduardo G. Álvares *	11	Guilherme Barroso	1
Aluisio Didier	1	Carmo Bartoloni	1	Eduardo Miranda	1	Guilherme Bauer	19
Amaral Vieira	2	Celso Aguiar	2	Eduardo Ribeiro	1	Guilherme Bernstein Seixas	3
Ana Lúcia Fontenele	1	Celso Loureiro Chaves	2	Eduardo Seincman	4	Guilherme Bertissolo	2
Andersen Vianna	4	Celso Mojola	5	Egberto Gismonti	3	Guilherme dos Santos	1
André Martins	2	César de M. Haddad	1	Elaine Thomazi Freitas	4	Guilherme Hermolin	1
André Pelagio Bessa	1	César Guerra-Peixe *	11	Eli-Eri Moura	10	Guilherme Milagres	1
André Vidal	1	Chico Mello	3	Emanuel Pimenta	1	Guilherme Nascimento	1
Angélica Faria	5	Christian Benvenuti	1	Emilio Terraza *	4	Guilherme Paoliello	1
Antônio C. Borges Cunha	4	Cirlei de Hollanda	9	Ernani Aguiar	9	Guilherme Vaz	2
Antônio Guerreiro	5	Cláudia Alvarenga	1	Ernesto Hartmann	2	Gustavo Alfaix	1
Antonio Jardim	6	Cláudia C. Simões	1	Ernesto Nazareth *	1	Gustavo C. Guerreiro	1
Antônio Ribeiro	3	Cláudia Castelo Branco	2	Ernst Mahle	17	Gustavo Penha	1
Antônio Valente	1	Cláudio Luz do Val	2	Ernst Widmer *	10	Gustavo S. de Souza	1
Aquiles Pantaleão	6	Cláudio Santoro *	11	Estércio Marques Cunha	3	Guto Caminhoto	3
Armando Albuquerque *	5	Clayton Mamedes	1	Esther Scliar *	2	H. Dawid Korenchandler	17
Armando Lobo	2	Conrado Silva *	2	Eunice Katunda *	2	H. J. Koellreutter *	12
Arnaldo Di Pace	1	Cristiano Figueiró	1	Fabia Ricci	1	H. Juergen Ludwig	1
Arrigo Barnabé	1	Cristiano Melli	1	Fabio Adour	1	Harold Emert	1
Arthur Bosmans *	1	Cristina Dignart	2	Fabio Bizzoni	2	Harry Crowl	10
Arthur Kampela	7	Cyro Delvizio	1	Fabio Costa	1	Heber Schunemann	3
Arthur Rinaldi	1	Daniel Barreiro	1	Fabio del A. Taveira	1	Heitor Alimonda *	4
Ascendino T. Nogueira *	3	Daniel Ferraz **		Fausto Borém	1	Heitor Oliveira	1
Augusto Valente	2	Daniel Havens	1	Felipe Kirst Adami	1	Heitor Villa-Lobos *	2
Aurélio Edler Copes	1	Daniel Moreira**		Felipe Lara	3	Helcio Müller	1
Ayilton Escobar	8	Daniel Puig	3	Felipe Merker Castellani	2	Helder Oliveira **	1
Berthold Tuerke	1	Daniel Quaranta	4	Felipe Pagliato	1	Helio Bacelar Viana	1
Beth Alamino	1	Daniel Serale	1	Felipe de Almeida Ribeiro **	1	Helio Ziskind	1
Brasilio Itiberê *	2	Daniilo Valadão	1	Fernando Ariani	6	Henrique Autran Dourado	2
Breno Blauth *	8	Daniel Vargas **		Fernando Cerqueira	10	Henrique Iwao	1

COMPOSITORES	T	COMPOSITORES	T	COMPOSITORES	T	COMPOSITORES	T
Henrique Morozowicz *	9	Lourival Silvestre	7	Matheus Bitondi	2	Renato Vasconcelos	1
Henrique Vieira	1	Lucas Duarte Neves **	1	Maurício de Bonis	3	Ricardo Rappoport	1
Hubertus Hoffmann *	2	Luciano Cardoso	1	Maurício Dottori	4	Ricardo Szpilman	1
Hudson Lacerda	1	Luciano Leite Barbosa	1	Maurício R. Vasconcelos	1	Ricardo Tacuchian	20
Ignacio de Campos	3	Lúcio Zandonadi	1	Michelle Agnes **	1	Roberto Macedo Ribeiro	3
Igor Lintz-Maués	2	Lucius Mota	1	Miguel Kertsman	1	Roberto Toscano	1
Igor Maia	1	Luigi A. Irlandini	9	Miguel Prager Coelho	2	Roberto Victorio	16
Ilza Nogueira	4	Luis Felipe Damiani	1	Murillo Santos	20	Roberto Votta	1
Ivan Paparguerius	1	Luis Passos	1	Mylon Joazeiro	1	Rodolfo Caesar	12
Ivan Eiji Simurra	1	Luis Carlos Vinholes	3	Natan Ouvires	1	Rodolfo Coelho de Souza	13
Jaceguay Lins *	4	Luiz Carlos Csekö	15	Nayla Barros	1	Rodolfo Richter	1
Jailton de Oliveira	2	Luiz Castelões P. da Silva	2	Neder Nassaro	6	Rodolfo Vaz Valente	1
Jamary de Oliveira	4	Luiz Gonçalves **	1	Nelsindo de Moraes **	1	Rodrigo A. de Muniagurria	1
James Correa	4	Madalena Bernardes	1	Nelson de Macedo	9	Rodrigo Cichelli Velloso	10
Jamil Maluf	1	Manuel Falleiros	1	Nelson Salomé	1	Rodrigo Garcia	1
Januibe Tejera	4	Marcelo Birk	2	Nestor de H. Cavalcanti	17	Rodrigo Lima	3
Jean-Pierre Caron	1	Marcelo Bittencourt	1	Ney Rosauro	1	Rodrigo Marconi	1
João C. Dalgallarrondo	3	Marcelo Carneiro de Lima	5	Nikolai Brucher	4	Rodrigo Vitta	1
João de Souza Lima *	1	Marcelo Chiaretti	1	Nilson Lombardi *	1	Rogério Borda	1
João Guilherme Ripper	13	Marcelo Conduru	2	Norton Dudeque	1	Rogério Constante	1
João Mendes *	5	Marcelo Malta	1	Odemar Brígido	9	Rogério Costa	3
João Svidzinski	1	Marcelo Ohara	1	Oiliam Lana	2	Rogério Krieger	2
João Victor Bota	1	Marcelo Rauta	1	Olivier Toni	1	Rogério Vasconcelos	3
Jocy de Oliveira	17	Marcílio Onofre	3	Oswaldo Lacerda *	13	Ronaldo Miranda	17
Joélio Luiz Santos	1	Marcílio Rufino dos Santos	1	Otávio Soares Brandão	1	Roseane Yampolschi	7
Jonatas Manzoli	3	Marcio Bartallini Conrad	2	Pablo Aldunate	1	Rubens Ricciardi	2
Jorge Antunes	16	Marcio Cortes	1	Pablo Castelar	1	Rubens Tubenchlak **	1
Jorge Meletti	3	Marco Feitosa	2	Pablo Panaro	1	Rudá Brauns	1
José Alberto Kaplan *	10	Marcos Branda Lacerda	2	Patrícia Regadas	1	Rufo Herrera	5
José Augusto Mannis	7	Marcos Câmara	3	Paulo César Santana **	1	Ruy Brasileiro Borges	1
José Orlando Alves	6	Marcos Campello	1	Paulo Chagas	5	Salomão Habib	1
José Penalva *	4	Marcos da Silva	1	Paulo Costa Lima	12	Samuel Peruzzolo-Vieira	1
José Rafael Valle	1	Marcos Lozano	1	Paulo Dantas	3	Sérgio Rojas	2
José Siqueira *	8	Marcos Lucas	7	Paulo de Oliveira Rios Fº	2	Sérgio Assad	1
José Vieira Brandão *	3	Marcos Mesquita	6	Paulo de Tarso Salles	3	Sérgio Barbosa de Souza	1
Juliano Valle	2	Marcos Vinício Nogueira	7	Paulo Guicheney	4	Sérgio Brandão	1
Juracy Cardoso	1	Marcos Silva Ramos	1	Paulo Libânio	2	Sérgio Canedo	1
Kilza Setti	3	Marcos Steuernagel	1	Paulo Raposo	2	Sérgio di Sabbato	5
Lau Medeiros	1	Marcus Alessi Bittencourt	3	Pauxy Gentil-Nunes	13	Sérgio Freire	4
Leandro Turano	1	Marcus Barroso de Siqueira	6	Pedro Augusto Dias	6	Sérgio Guimarães	1
Lelo Nazario	1	Marcus Ferrer	4	Pedro Kroger	4	Sérgio Igor Chnee	2
Leo Vieira	1	Maria H. Rosas Fernandes	12	Peter Schuback	1	Sérgio Kafelijan	1
Leonardo de Assis Nunes	2	Maria Helena da Costa	2	Potiguara Menezes	1	Sérgio Roberto de Oliveira	3
Leonardo Fuks	2	Maria Ignez Cruz Mello	1	Radamés Gnattali *	7	Sérgio Vasconcellos-Corrêa	13
Leonardo Martinelli	1	Mario Ficarelli	20	Rael B. Gimenes	1	Silvia Berg	1
Leonardo Sá *	5	Mario Ferraro	5	Rafael Bezerra	1	Silvia de Lucca	4
Liduino Pitombeira	6	Mario Tavares *	5	Rafael Nassisf	2	Silvio Ferraz	11
Lindemberg Cardoso *	10	Marisa Rezende	16	Randolf Miguel	1	Siri	1
Lindolfo Bicalho	2	Marlos Nobre	11	Raphael Baptista *	1	Tadeu Taffarelo **	1
Lívio Tragtemberg	4	Martin Hauser	1	Raul do Valle	18	Tania Lanfer Marquez	1
Lourdes Saraiva	2	Martin Herraiz **	1	Renato Godoy	1	Tatiana Catanzaro	2

COMPOSITORES	T	COMPOSITORES	T	COMPOSITORES	T	COMPOSITORES	T
Tato Taborda	14	Vanda Freire	2	Walter Smetak	1	Yanto Laitano	3
Teresa Fagundes	6	Vania Dantas Leite	12	Washington Denuzzo	2	Yaskara Tonin	1
Thiago Sias	2	Vera Terra	4	Welligton Sousa	1	Yuri Prado	1
Ticiano Rocha	1	Vicente Alexim	1	Wellington Gomes	10	Zoltan Paulinyi	2
Tim Rescala	15	Victor Lazzarini	2	Wenceslau Moreira	1	TOTAL	1532
Vagner Bonella Cunha	2	Vinicius Calviti	2	Willy Correa de Oliveira	8		
Valéria Bonafé	1	Vinicius Giusti	1	Xico Chaves	1		
Valério Fiel da Costa	2	Waldemar M. Reis	2	Yahn Wagner	3		

* compositores falecidos

** compositores que se apresentam pela primeira vez numa Bienal

Observações:

- 1) essa tabela foi montada de acordo com as informações sobre as participações de compositores, encontradas nos catálogos impressos das 19 Bienais já realizadas, acrescidas das referentes à presente Bienal;
- 2) a segunda coluna informa a quantidade de Bienais das quais o compositor participou;
- 3) o total para a segunda coluna informa a quantidade aproximada de obras executadas nas 20 Bienais. Esse total corresponde à soma exata das 428 parcelas, mas cabe considerar dois casos que justificam a informação sobre quantidade aproximada:
 - em geral, cada Bienal só apresenta uma obra de cada compositor, mas houve casos em que compositores tiveram duas ou três obras apresentadas numa Bienal;
 - algumas obras informadas nos catálogos não foram executadas, em geral por impedimentos de última hora; para benefício dos compositores, optou-se por considerá-las válidas para fins de contagem, já que elas constam do respectivo programa;
- 4) os compositores que participaram de cinco ou mais Bienais serão convidados a integrar o colégio eleitoral que elegerá os que receberão encomenda de obra para a XXI Bienal, de 2015

A XX Bienal saúda os compositores que venceram 16 dos 33 Prêmios Funarte de Composição Clássica 2012, e que, pela primeira vez, participam de uma Bienal de Música Brasileira Contemporânea:

Bryan Holmes, Caio Pierangeli, Daniel Vargas, Daniel Moreira, Danniell Ferraz, Felipe de Almeida Ribeiro, Germán Gras, Helder Oliveira, Lucas Duarte Neves, Luiz Gonçalves, Martin Herraiz, Michelle Agnes, Nelsindo de Moraes, Paulo César Santana, Rubens Tubenclak e Tadeu Taffarelo,

(favor informar correções e acréscimos às tabelas acima mediante o e-mail clássicos.funarte@gmail.com)

Radio MEC

A Rádio MEC, desde sua fundação, teve a música clássica como base de sua programação musical. Alguns de seus programas fazem parte da história da música brasileira, como Música e Músicos do Brasil, no ar há mais de 50 anos. Esse perfil foi herdado pela MEC FM, que há 30 anos veicula gravações e programas ao vivo com nossos mais importantes compositores e intérpretes.

A lista de encontros e tangências pode começar com o maestro Edino Krieger, criador das Bienais, que por muitos anos foi produtor atuante na emissora. De sua atuação como divulgador de obras de compositores brasileiros, destacam-se, entre outras realizações, a produção do programa Música Viva, com H. J. Koellreutter, desde os anos 1940; a criação da Orquestra Sinfônica Nacional e as gravações por ela realizadas, que figuram como raridades do acervo da emissora, e foram funda-

mentais para o registro de diversas obras de compositores brasileiros. Muitas dessas gravações foram transcritas para LPs e para CDs, pela Funarte e pela Associação de Amigos da Rádio MEC. Está planejada a digitalização e disponibilização do acervo da emissora.

Espaço desde sempre aberto para a difusão da música – em especial da brasileira –, a Rádio MEC FM está presente nessa XX Bienal mediante a organização de programas especiais trazendo as obras apresentadas em eventos passados e, de novembro a dezembro próximos, as ouvidas na atual Bienal.

Acessos: por e-mail – ouvinte@radiomec.com.br; pela internet – www.radiomec.com.br; pelo Facebook – https://www.facebook.com/radiomec_fm

Academia Brasileira de Música

Fundada em 14 de julho de 1945, por Heitor Villa-Lobos, como instituição cultural sem fins lucrativos, tem como objetivo principal a divulgação da música clássica brasileira. É composta por quarenta acadêmicos, personalidades de destaque no meio musical brasileiro nas áreas da composição e da educação musical, da interpretação e da musicologia. Por Decreto de 6 de junho de 1947, é órgão técnico consultivo do governo federal.

Trabalhos que desenvolve

- *Bibliografia Musical Brasileira*: banco de dados on-line que reúne cerca de 120.000 informações sobre música brasileira, publicadas no Brasil ou no exterior, e sobre a produção musicológica de brasileiros. Para consultar ou cadastrar publicações, escrever para bibliografia@abmusica.org.br ou acessar <http://www.abmusica.org.br/html/bmb.html>.

- *Banco de Partituras de Música Brasileira*: programa de editoração eletrônica de música brasileira, que também incorpora obras já editoradas. Disponibiliza cerca de 3.500 títulos para venda de partituras ou aluguel de partituras e de material de orquestra. Para consultar os títulos disponíveis, ou depositar obras nesse Banco, escrever

para bancodepartituras@abmusica.org.br ou acessar http://www.abmusica.org.br/musica_instrumental.html.

- *Laboratório de Digitalização*: oferece aos pesquisadores o arquivo digital do manuscrito original do compositor; aos intérpretes, oferece o mesmo arquivo digital tratado de modo a propiciar uma leitura cômoda, facilitando a divulgação do repertório musical brasileiro. As obras tratadas são incorporadas ao *Banco de Partituras de Música Brasileira*. Sua lista pode ser acessada pelo link <http://www.abmusica.org.br/html/musicapartituras-digitalizadas.html>. Para mais informações, escrever para bancodepartituras@abmusica.org.br.

- *Selo ABM Editorial*: voltado para a música brasileira, compreende 20 livros, 17 catálogos de obras de compositores, 35 títulos de CDs do Selo ABM digital e os 29 números impressos da revista *Brasiliiana*, que terá continuidade em formato digital. Para adquirir tais produtos, acessar <http://www.abmusica.org.br/html/livros.html> <http://www.abmusica.org.br/html/cds.html>, ou contatar vendas@abmusica.org.br

Para mais informações: www.abmusica.org.br, abmusica@abmusica.org.br

Centro Técnico Audiovisual – CTAv

O Centro Técnico Audiovisual/CTAv foi criado, em 1985, a partir de uma parceria entre a Embrafilme e o National Film Board, do Canadá. Um acordo de cooperação técnica possibilitou a implementação do CTAv, vinculado à Diretoria de Operações Não-Comerciais da Embrafilme. Em 2003, após passar pela estrutura de vários órgãos da administração pública, inclusive pela Funarte, o CTAv foi incorporado à Secretaria do Audiovisual, órgão da administração direta do Ministério da Cultura.

Sua missão é viabilizar a produção, a preservação e a difusão do cinema e do audiovisual brasileiros, além

de promover a capacitação e a inovação tecnológico-profissional, observados os princípios de liberdade de criação artística e respeito às manifestações culturais da sociedade. O órgão figura como um pólo de vertente técnica e operacional da atividade audiovisual, que faz a cessão gratuita de equipamentos de som e imagem para a produção audiovisual independente e a prestação de serviços técnicos.

Para mais informações: www.ctav.gov.br

Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro

A Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro é a mais antiga instituição de ensino musical do Brasil. Fundada em 1848, ministra cursos da musicalização infantil à pós-graduação, e destina-se ao ensino e à pesquisa, visando principalmente a graduação em nível superior, nas atividades de execução, interpretação, criação musical e formação de professores. Desenvolve extensa produção artística em suas três salas de concertos. A temporada é formada pelos recitais de alunos, professores e técnicos, pela produção dos projetos de extensão e pela programação dos conjuntos estáveis (orquestras, coros e grupos de câmara). Também realiza palestras, seminários, congressos e simpósios, e mantém uma das mais importantes bibliotecas de música da América latina, com coleções de manuscritos e obras raras desde o século XVI, e acervo atualizado com aquisições anuais de livros, periódicos e partituras.

Cursos que ministra

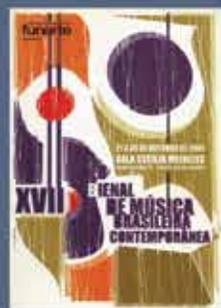
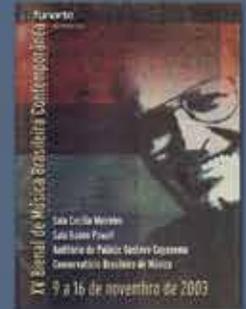
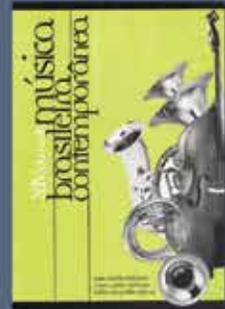
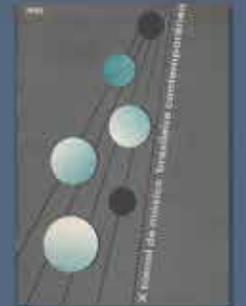
• *Curso de Bacharelado*: confere aos formandos o título de Bacharel em Música nas habilitações de Práticas Interpretativas (canto, instrumento e regência) e de Composição. Esse curso oferece a possibilidade de aprimoramento técnico e de aprofundamento teórico a 26 habilitações em quatro diferentes áreas: canto, composição, regência (coral, orquestral e de banda) e instrumento (piano, cravo, órgão, violino, viola, violoncelo, contrabaixo, harpa, percussão, flauta, oboé, clarineta, fagote, trompa, trom-

pete, trombone, tuba, saxofone, violão, bandolim e cavaquinho). É a maior oferta de habilitações em música de uma universidade pública brasileira.

• *Curso de Licenciatura*: forma professores de música e educadores musicais, capacitados pedagogicamente para atuarem na Educação Básica, bem como em outros espaços, que hoje se apresentam na sociedade, tais como projetos sociais e escolas livres de música. As atividades coletivas são valorizadas e é oferecida uma formação pedagógica direcionada para diferentes espaços no mercado de trabalho, como educação musical infantil, educação musical especial e ensino de música na educação fundamental.

• *Programa de Pós-Graduação*: voltado à formação para a pesquisa e ao aprofundamento da formação científica, cultural, artística e profissional – tem por finalidade a capacitação para a docência de graduação; a formação ampla e aprofundada nos diversos setores da música; a aquisição de competências individuais para a pesquisa; o desenvolvimento de projetos de pesquisa relacionados com as linhas de pesquisa contempladas no Programa; e a interação com as atividades de graduação. Ocupa-se, ainda, da publicação da *Revista Brasileira de Música*.

Para mais informações, acessar www.musica.ufrj.br



CENTRO TÉCNICO AUTÔNOMO



ESCOLA DE MÚSICA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO



SOMANDO FORÇAS

SECRETARIA DE CULTURA



FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES funarte

Ministério da Cultura



PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA